U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

Viana do Lima: aspetos da estrutura urbana de uma cidade marítima

Tânia Leite

M

2019

U.PORTO

Tânia Leite . Viana do Lima: aspetos da estrutura urbana de uma cidade marítima

Viana do Lima: aspetos da estrutura urbana de uma cidade marítima

Tânia Leite

FACULDADE DE ARQUITETURA

M.FAUP **2019**

Viana do Lima:

Aspetos da estrutura urbana de uma cidade marítima

Tânia Filipa Fornelos da Cruz Leite

Dissertação de Mestrado apresentada à
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Orientadora
Professora Doutora Marta Maria Peters Arriscado Oliveira

Porto
2019

Agradecimentos

À Professora Doutora Marta Oliveira, pela sua disponibilidade, pela sua paciência e pela generosa partilha de conhecimento.

Aos meus pais pelo sacrifício, pelo apoio e, acima de tudo, pela amizade e amor incondicional ao longo da vida.

Ao meu tio Nando, pela preocupação e por todas as horas de conversa e partilha de ideias.

Às minhas colegas e amigas, Anaísa, Maria João, Patrícia, Soraia, Bianca, pelo companheirismo, pela união e por todas as conversas e desvaneios.

Agradeço a todos.

Resumo

O trabalho intitula-se “Viana do Lima: Aspetos da estrutura urbana de uma cidade marítima” e tem como objeto de estudo a frente fluvial da vila de Viana. O seu objetivo consiste na pesquisa e análise da evolução da vila e entender a sua relação com o rio Lima.

Desde cedo, na história, sabemos que as vilas no litoral de Portugal se desenvolveram através de povoações que se sustentaram fundamentalmente pela economia de trocas, o vai e vem de mercadorias, de importações e exportações. Não só a localização de Viana facilitava estas transações, de modo rápido e eficaz, como em consequência se dava o desenvolvimento económico e o crescimento da estrutura urbana da vila na foz do Lima.

A partir da leitura realizada inicialmente sobre Viana do Castelo, o trabalho procura encontrar os factores de transformação da frente fluvial. Expõem-se essencialmente neste trabalho os acontecimentos e obras mais determinantes que delinearam a malha urbana da cidade, desde o período da sua fundação até ao século XIX, relacionando-os com o crescimento e consecutivas alterações da frente ribeirinha da vila.

Abstract

This dissertation titled “Viana do Lima: Aspects of the urban structure of a maritime town” and the object of its study is the river front of the Viana village. The aim is to research and analyse the evolution of the village and understand its connection with the Lima River.

From early history we know that villages on the coast of Portugal developed through peoples who were fundamentally sustained by an economy of trade, the comings and goings of goods, imports and exports. Not only did Viana’s location facilitate these transactions in a quick and effective manner, but also as a consequence of this and the economic development, we see the growth of the urban structure of the village in the Lima river mouth occur.

From the readings done initially about Viana do Castelo, this dissertation seeks to find the transformation factors for the river front. In this piece, the most decisive events and works that delineated the urban fabric of the city, from the period of its foundation until the 19th century, are exposed and related to the growth and consecutive alterations to the town’s riverfront.

1. INTRODUÇÃO 11

2. ESTRUTURA URBANA DE UMA VILA MARÍTIMA 17

2.1. A Fundação De Uma Vila - Época Antiga (XIII-XV) 19

2.1.1. A Fundação da vila de Viana 19

2.1.2. A Muralha, a primeira estrutura defensiva 22

2.1.3. A Relação com o Rio - os Cais 27

2.1.4. Novo sistema defensivo - a Torre da Roqueta 33

2.2. A Evolução Do Núcleo Urbano 37

2.2.1. A Expansão para fora da muralha 37

2.2.2. Os Paços de Concelho 38

2.2.3. Os Conventos, um novo limite urbano 39

2.2.4.A Rua de S. Sebastião 42

2.2.5. A Relação com o Rio - XVI 45

2.2.6. Ampliação do sistema defensivo 49

2.2.7. A Edificação do Forte de Santiago da Barra sob o domínio Filipino 52

2.3. A Transformação Da Frente Ribeirinha De Viana 59

2.3.1. O Apogeu da economia e a transformação das instalações portuárias 59

2.4. A estagnação da vila de Viana e posterior consolidação da cidade 69

2.4.1. A Estagnação do ofício da vila 69

2.4.2. Igreja de Nossa Senhora da Agonia 70

2.4.3. Obras públicas relevantes de Viana do Castelo no século XIX 71

2.4.4. O Desenho da frente fluvial - análise dos documentos cartográficos 74

3. REFLEXÕES FINAIS 81

4. ANEXOS 87

5. BIBLIOGRAFIA 107

6. ÍNDICE DE IMAGENS 111

1. INTRODUÇÃO



Fig.1 **Aerofotograma da cidade de Viana do Castelo, 2017**
Fonte: Google Earth Pro

O tema selecionado nasceu primeiramente de um âmbito pessoal, visto a autora ser natural da cidade de Viana do Castelo. Em segundo lugar, pela inquietação que existia sobre a evolução da frente fluvial da cidade. Estas atividades deixaram marcas em diversos pontos da cidade, e é deste modo que se pretende construir um trabalho onde as diversas fases de transformação da frente ribeirinha e os seus motivos são analisados, procurando assim efetuar um esboço histórico da vila de Viana, desde a sua fundação até ao século XIX.

Deste modo, tenta-se orientar o estudo da cidade e os seus pontos de referência ao longo dos séculos, aliando sempre a evolução portuária e o modo como a cidade foi florescendo. Tendo sempre em foco o crescimento urbano, a expansão para fora do núcleo medieval e o desenvolvimento da vila, tenta-se entender como é que uma região maioritariamente rural se transformou ao ponto de ser um das vilas mais proeminentes do reino.

Objetivos

Os objetivos deste trabalho incluem uma busca pela obtenção de respostas em relação ao crescimentos urbano da frente fluvial da vila de Viana do Castelo, focando a atenção para as atividades relacionadas com o mar e percebendo se existe uma lógica de crescimento entre estas e as progressivas transformações da frente ribeirinha da vila.

- Identificar os factores de transformação e de continuidade ao longo dos séculos;

- Entender a evolução da área urbana da vila de Viana;

- Considerar o crescimento urbano vs atividades marítimas;

Metodologia

Para a análise da evolução da vila foram consultados diversos autores de modo a referenciar os elementos de transformação ao longo dos séculos. Para além desta consulta bibliográfica, onde foram selecionados os autores mais importantes que estudaram Viana do Castelo extensivamente, foi solicitado à Câmara Municipal de Viana do Castelo, e respetivo Arquivo Municipal, informação gráfica sobre a evolução da vila, desde plantas, fotografias e postais de diversas épocas.

De modo a analisar a evolução urbana, foram elaboradas notas sobre o documento cartográfico datado de 1756. Dado que não há referências cartográficas de todos os séculos, sendo o mais antigo o que usamos como base, este por vezes é trabalhado de modo a representar uma interpretação do que existiria na época que está a ser considerado, obliterando visibilidade na leitura das épocas que ainda não existem. Como o foco do trabalho é a frente fluvial, e de modo a tentar que a sua evolução seja o mais compreensível possível, nos primeiros séculos da história da vila de Viana os cais representados na base cartográfica original são omitidos.

A divisão dos capítulos

A estrutura deste trabalho tem como base a evolução urbana de Viana. Assim sendo, após muita ponderação foi determinado que o melhor modo seria uma divisão por períodos, permitindo uma maior coerência e uma maior facilidade em perceber e analisar o desenvolvimento urbano da vila.

Temos assim uma primeiro abordagem que consiste na análise sobre a fundação da vila, a sua implantação e o sistema defensivo adoptado. Intercalamos esta informação com uma dedução, a partir dos factos recolhidos, sobre a relação da vila com o rio no século XV.

Logo de seguida, abordamos a expansão urbana que se deu para fora da muralha da vila, entrando assim também na época dos Descobrimentos. Também neste período surgem novas Ordens Religiosas na vila de Viana, e dá-se a atualização dos sistemas defensivos com novas construções e ampliações.

O capítulo seguinte é dedicado ao século XVII e, embora tenha havido uma certa estagnação no desenvolvimento urbano, a frente fluvial desenvolve-se exponencialmente, merecendo assim destaque neste trabalho.

O século seguinte é reservado à consideração de algumas obras públicas realizadas, tentando-se assim refletir com estas intervenções na frente fluvial.

2. ESTRUTURA URBANA DE UMA VILA MARÍTIMA



A localização estratégica da citânia permitia dominar não só a zona litoral da beira rio como também controlar os movimentos na foz do Rio Lima. Era uma estrutura importante da Proto-História e da Romanização do Alto Minho.

Nesta fotografia podemos contrapôr o passado e o presente, a descida da montanha para a beira rio.

Fig.2 Fotografia da Citânia de Santa Luzia mostrando a relação da citânia com o rio

Fonte: http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/noticias/camara-municipal-investe-100-mil-euros-na-conservacao-da-citania-de-santa-luzia

2.1. A FUNDAÇÃO DE UMA VILA (XIII-XV)

2.1.1. A Fundação da vila de Viana

A fundação de Viana deve-se a D. Afonso III[1]. Em 1258 é emitida a carta de foral por este rei *" (...) facere populum in loco qui dicitur Atrium, in foce Lilie, cui popule de novo impono nomen Viana"*[2]. Verifica-se aqui a intenção de atrair novos moradores e assim consolidar um aglomerado habitacional. Além disto este rei também evoca a vocação marítima da vila, e a sua importância como *"pólo de comunicação com o exterior"*[3]. Com todas as condições geográficas favoráveis, num local estabelecido perto do mar e da foz do rio Lima, seria então o objetivo do rei desenvolver um local de importância não só marítima como mercantil. Sem embargo, o povoado do Adro já existia e localizava-se nas imediações, no entanto carecia de condições adequadas que promovessem o propósito do rei. Deste modo, a nova vila é fundada ao lado deste pequeno núcleo e, para crescer e se tornar num pólo mercantil, seria então necessário cativar pessoas de diversos ofícios, como mercadores e burgueses. À imagem do que se fazia pela Europa, com um plano regular e eixos estruturantes, com um traçado ortogonal, Viana também se formou desse modo.

Sobre a fundação da vila não podemos deixar de dar uma breve explicação sobre os primórdios de Viana. Remontando ao período neolítico, conseguimos estabelecer uma relação entre os espaços habitados perto dos rios e no litoral. De acordo com Henrique Seoane Prado,

> "*a cultura castrexa deixou abundantes pegadas, en especial os poboados litorais de xentes que pescaban, mariscaban e atravesaban os mares*"[4].

1 No Arquivo Municipal de Viana do Castelo é possível ver a carta régia, de 1262, sobre a fundação de Viana, do Bispo de Tui com destinatário D. Afonso III.

2 Teixeira, Manuel C.; *"O Urbanismo Português*"; 1999; p.31.

3 Peixoto, António Maranhão; *"O Litoral e a Cidade: Matizes Cartográficas"*; Viana do Castelo, 2001; p.5.

4 Prado, Henrique Seoano; *"A Urbanidade no Litoral das Rías Atlánticas"*; in Cadernos Vianense; Tomo 48;

Quando se deu a romanização os castros foram abandonados e, como o mesmo autor nos informa, surgiram aldeias "*na media ladeira dos vales e tamén pequenos asentamentos ribeiráns, en emprazamentos abrigados por saíntes rochosos e litoral amable en areais de fácil acceso á auga da ría*"[5].

Temos de referir que neste período os meios de transporte eram primitivos. Deste modo, a água seria o meio de relação e comunicação com sítios mais longínquos. Pondo de parte as catástrofes naturais associadas, o mar apresenta diversos inconvenientes, entre eles as invasões e saques que eram uma vasta realidade[6].

Com o assentamento de núcleos ribeirinhos, fundam-se então as vilas e cidades. Pontos estratégicos onde se podia atravessar os rios e continuar caminho. Surgem assim aglomerados habitacionais amuralhados na foz dos rios, onde se poderiam conjugar portos e travessias.

Como um elemento determinante para o estabelecimento de núcleos urbanos, o rio permitia o desenvolvimento e a evolução dos povoamentos humanos. Na procura de terras férteis para o assentamento de núcleos urbanos e com o crescimento demográfico e a consecutiva expansão territorial, o rio e a proximidade com este tornou-se a localização ideal para a prosperidade do comércio interurbano. Com o estabelecimento de comunicação entre locais distantes, os rios serviam assim de via que atravessava uma extensão territorial alargada.

Na área de Viana já existiam alguns pequenos núcleos, e foi na zona do lugar do Átrio que o rei manda erguer a vila. De acordo com António Matos Reis,

> "com as Inquirições feitas na mesma data, Átrio correspondia a uma das três áreas em que se dividia a paróquia do mesmo nome e aí se localizava a sede paroquial. As outras duas eram as "vilas" de Castro e Figueiredo. (...) Átrio constituía um pequeno aglomerado habitacional, que tinha como componente um reguengo agrícola e um ancoradouro, onde aportavam as embarcações."[7]

Viana do Castelo, 2014; p.253.

5 Prado, Henrique Seoano; *"A Urbanidade no Litoral das Rías Atlánticas"*; in Cadernos Vianense; Tomo 48; Viana do Castelo, 2014; p.253.

6 Prado, Henrique Seoano; *"A Urbanidade no Litoral das Rías Atlánticas"*; in Cadernos Vianense; Tomo 48; Viana do Castelo, 2014; p.253.

7 Reis, António Matos; *"Viana, a Cidade Através do Tempo"*; Viana do Castelo; 1993; p.5.

Neste pequeno núcleo, as atividades marítimas já se faziam sentir, os *"habitantes pagavam ao rei imposto de pescado pela exploração da camboa Petrina. Os navios estranhos, chegados a Viana para vender pescado pagavam navão"*[8].

De acordo com o mesmo autor existiria também um outro aglomerado na margem sul do rio Lima, Nossa Senhora das Areias. Ainda que não muito desenvolvido, conectava-se com o aglomerado do Átrio e fazia-se já a travessia do rio entre eles. Poderiam ter sido estas algumas das razões para a implantação da nova vila nas imediações. Não só a proximidade com a foz e a já efetuada travessia do rio Lima, como também a já desenvolvida atividade marítima.

Para além disso, a escolha da implantação deste novo aglomerado supôs um pensamento estratégico. As características principais seriam as físicas, nomeadamente a topografia do terreno e respetiva ligação com o rio. O local indicado passaria então pelo que estivesse relativamente mais elevado do que os seus arredores, não perdendo contudo a ligação com a água. A localização em terreno mais sólido, eventualmente até rochoso, era assim estrategicamente escolhida, não só com vista a defesa, como na proteção contra as cheias e calamidades naturais. Todo este conjunto de aspetos condicionariam também o crescimento e expansão da vila, que se realizava em função das vias que ligavam povoações vizinhas.

8 Moreira, Manuel António Fernandes; "*Viana nas suas Origens - de póvoa marítima a vila e sede de concelho*", em Revista de Cultural do Alto Minho nº 12; Viana do Castelo; Dezembro 1992; p. 33.

2.1.2. A Muralha, a primeira estrutura defensiva

A criação de Viana, um centro urbano voltado para o comércio e tráfego marítimo é então apoiado pela concessão de privilégios que antes não tinha. Por ordem de D. Afonso III, no foral de 1258, e em carta em 1265, ergue-se uma nova povoação. Neste século muitos elementos defensivos estão a ser construídos, sendo que muitas povoações são fortificadas pela primeira vez.

> "A acção centralizadora e uniformizadora destes monarcas refletiu-se que no cordão de povoações de defesa da fronteira, quer na estruturação dos territórios intermédios, quer, ainda, nos indícios de litoralização, verificável no relevo concedido às povoações atlânticas, como Viana do Castelo"[9]

Começa a ser contruída nesta época a muralha da vila, um limite físico que não só assegurou a segurança deste novo núcleo, como também permitiu a concentração urbana durante este mesmo século.

Em muitos casos foi na Idade Média que se definiu a estrutura do plano urbano das urbes. Como Mário Gonçalves nos diz

> "os muros e portas medievas constituíram os elementos fundamentais de definição das povoações e, ainda hoje, além da forma das cercas de então ser identificável no plano urbano das urbes, partes do seu interior e/ou das suas imediações referenciam o centro funcional de algumas delas, como também acontece em Viana do Castelo."[10]

Sem embargo, este novo pólo enraiza-se a poente do aglomerado populacional já existente. A área a nascente da vila, que incluía a igreja velha (S.Salvador, atualmente Capela das Almas), com o seu cemitério envolvente e o cais já existente, dois dos elementos estruturantes ficaram fora do núcleo medieval circunscrito pela muralha. O porto de mar encontrava-se no lugar onde desaguava o rio que vinha da Abelheira e Valverde. Hoje este último espaço não existe, corresponde atualmente à Alameda de 5 de Outubro. Aí construíram-se os primeiros estaleiros, equipamento que ainda hoje é relevante em Viana, mas que presentemente se desenvolve a poente da cidade, ocupando uma extensa área junto ao mar, sendo uma

9 Fernandes, Mário Gonçalves; *"A Evolução do Centro Histórico de Viana do Castelo"* in Revista Semestral de Edifícios e Monumentos 22; Lisboa; 2005; p.7.

10 Fernandes, Mário Gonçalves; *"A Evolução do Centro Histórico de Viana do Castelo"* in Revista Semestral de Edifícios e Monumentos 22; Lisboa; 2005; p.7.

das atividades de renome internacional.

Segundo Gonçalves, as obras da muralha iniciaram-se em 1263. Apesar de não haver provas documentais, este autor segue a hipótese de Carlos Alberto Ferreira de Almeida que pressupõem que o limite inicial desta coincidiria a norte e a nascente com os muros já conhecidos, a sul com a margem fluvial, pela então Rua do Cais, e a poente o limite estaria "mais ao menos pela Rua do Hospital Velho"[11]. Apesar das crises do século XIV, com o crescimento da vila de Viana, terá havido a necessidade de reconstruir e ampliar a muralha *"em nova ação edificadora concluída em 1374, numa fase de fortificação medieval tardia"*[12]. Podemos assim concluir que o seu desenho inicial terá sido alterado. Com o avançar da construção, a vila foi-se desenvolvendo e, nesse ano, possivelmente ter-se-à constatado que a população tinha aumentado, mais do que se previa originalmente. Com grande parte da muralha já construída, apenas houve a possibilidade de ampliar a área circunscrita para sudoeste. Porventura, adaptando-se à topografia do local, com um desenho curvilíneo, e a inevitável ampliação da muralha da vila de Viana apresenta assim uma forma mais oval. Fisicamente a muralha desta vila tinha um perímetro de 685 metros, *"muros de cantaria e pedra aparelhada, sem argamassa, com 10 metros de altura, 2,20 de largura e torres de vigia e acesso com 15 metros de altura"*[13].

Já sabendo que a muralha foi construída na Baixa Idade Média, M. Gonçalves explica-nos que nesta época se retoma o desenho com uma predisposição para a ortogonalidade e

> "por iniciativa de um poder real que, em crescente fortalecimento e centralização, podia impor um plano de conjunto (...), é sem surpresa que se observa a estruturação do plano urbano da póvoa vianense, dentro de um padrão de intencional ortogonalidade, facilitadora de um parcelar tendencialmente igualitário, que só as preexistências ou condições topográficas extremas levariam a contrariar."[14]

11 Fernandes, Mário Gonçalves; *"A Evolução do Centro Histórico de Viana do Castelo"* in Revista Semestral de Edifícios e Monumentos 22; Lisboa; 2005; p.7.

12 Fernandes, Mário Gonçalves; *"A Evolução do Centro Histórico de Viana do Castelo"* in Revista Semestral de Edifícios e Monumentos 22; Lisboa; 2005; p.8.

13 *"Aproveitamento do Castelo de Santiago da Barra para o Turismo e Cultura : programa base"*; Comissão Regional de Turismo do Alto Minho; 1986; p.11.

14 Fernandes, Mário Gonçalves; *"A Evolução do Centro Histórico de Viana do Castelo"* in Revista Semestral de Edifícios e Monumentos 22; Lisboa; 2005; p.9.

Não obstante da ortogonalidade pretendida, a adaptação à morfologia do terreno gerou um traçado dos arruamentos que de todo não são retilíneos. Estreitos no seu desenho e com larguras entre os quatros e os seis metros, constituíam eixos estruturantes, como era natural dos planos urbanos medievais, que ligavam de modo direto as portas principais da vila conectando assim pólos importantes, tornando-se evidente a razão de alguns arruamentos serem mais importante que outros em termos funcionais.

De vias paralelas umas às outras e que se moldam à topografia do terreno, surgem as novas ruas da vila de Viana. A rua do Cais, no extremo sul do núcleo e que se encontrava mais próxima do rio, seguia-se a rua Cega, a rua Grande, que seria a mais larga e importante, daí o nome, a rua João Quesado, a do Tourinho e a do Poço[15], a mais a norte e com início mesmo em frente à igreja matriz.

Estas portas que se conectavam interiormente eram essenciais não só na estrutura urbana como também indispensáveis na comunicação com o exterior da muralha. Como tal não é anormal não só vermos o surgimento de espaços públicos no exterior adjacente, como também o surgimento de vias de articulação com o espaço rural envolvente mais distantes.

15 Reis, António Matos; *"Viana, a Cidade Através do Tempo"*; Viana do Castelo; 1993; p.9.



1. Porta do Campo do Forno, ou de S. Tiago
2. Porta das Atafonas, ou de S. Pedro
3. Porta do Postigo, ou de S. Crispim
4. Porta da Ribeira, ou de S. João

Fig.3 **Planta do núcleo inicial com a respectiva muralha e as portas da cidade**
Fonte: Arquivo Municipal de Viana do Castelo



1. Porta do Campo do Forno, ou de S. Tiago
2. Porta das Atafonas, ou de S. Pedro
3. Porta do Postigo, ou de S. Crispim
4. Porta da Ribeira, ou de S. João

A. Torre da Roqueta
B. Capela de Santa Catarina

Desenho reimaginado da margem, o limite da maré alta e o da maré baixa. A mancha junto ao rio poderá indicar a faixa arenosa.

Fig.4 **Planta de Viana, Barra e Castelo, datada de 1756, cais posteriores ao século XV não representados.**
Fonte: Peixoto, António; *"Litoral e as Cidades: Matizes Cartográficas"*; Viana do Castelo; 2001; p.39.

2.1.3. A Relação com o Rio - os Cais

Estando Viana do Castelo tão ligada ao elemento água, o rio foi e é um recurso fundamental na evolução da população e da urbe. Como Paulo Peixoto nos diz,

> "rios e cidades são indissociáveis. Uma das características mais marcantes da transição de século que vivemos é, sem dúvida, a conversão das paisagens fluviais em paisagens urbanas."[16]

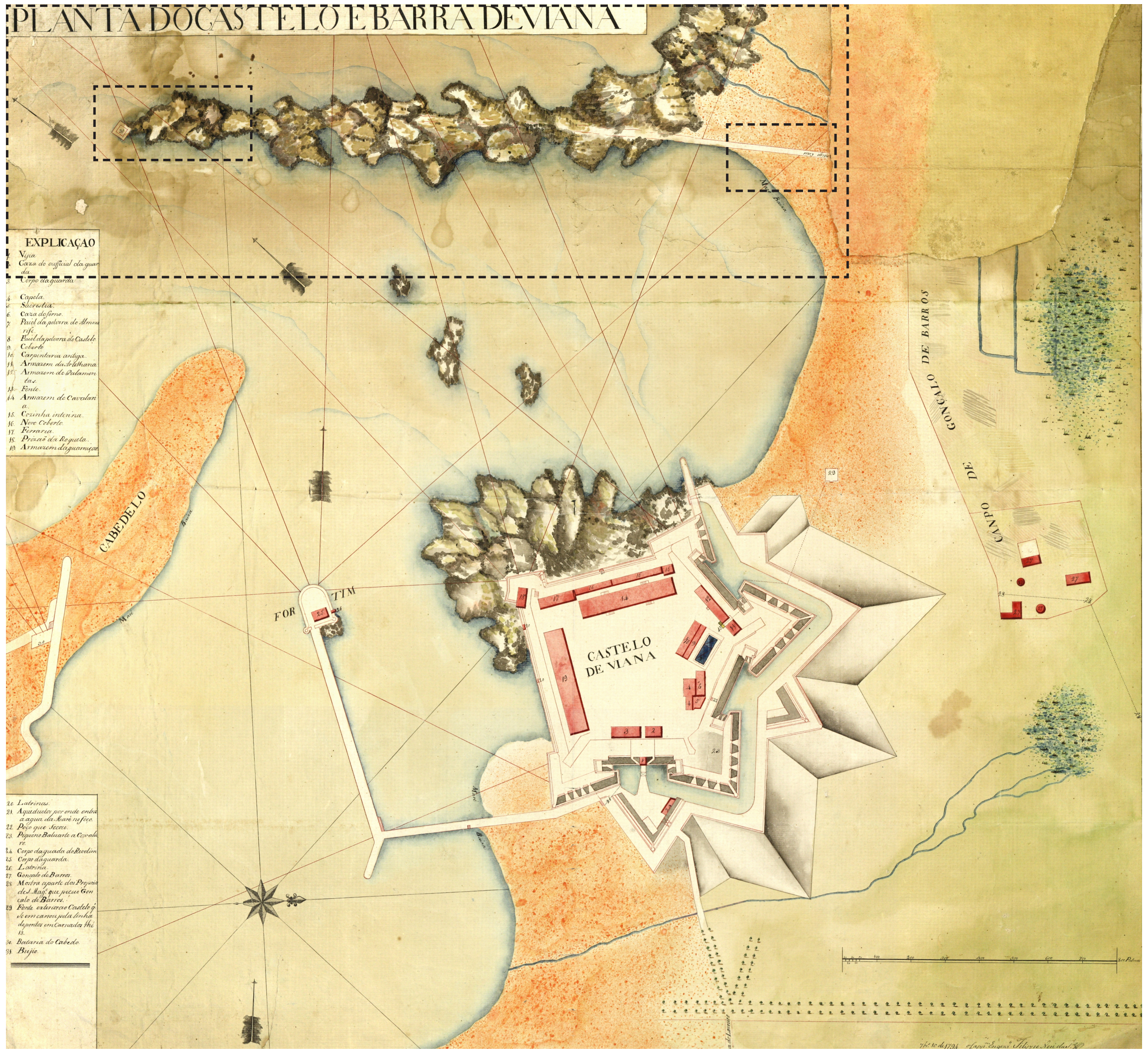
> "O mesmo rio que traz a fertilidade e o alimento na sua corrente pode trazer animais que matam, doenças ou águas poluídas. O mesmo rio que corre tranquilo no seu leito extravasa dele com violência numa fúria destruidora. O mesmo rio onde uns se divertem, nadando e passeando, é o mesmo rio onde outros sofrem as agruras do trabalho e por vezes da escravidão. O mesmo rio que é um obstáculo à mobilidade, constituindo -se como fronteira, é via de circulação"[17].

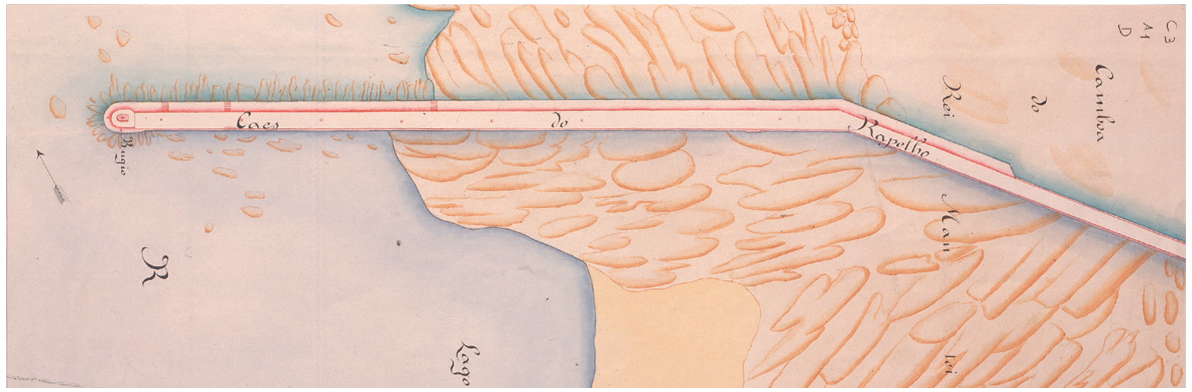
A povoação que existia anteriormente à criação do núcleo central da vila de Viana, designadamente a do Adro, não esquecendo que era um meio rural, subsistia não só da agricultura como também da pesca, atividades que remontam os primórdios da civilização. Com poucos meios económicos podemos imaginar que os seus cais consistiam em estruturas simples e rudimentares, desembarcando em plena praia ou em estruturas de madeira feitas para esse propósito. Como Manuel Moreira nos descreve na sua obra *"O Porto de Viana do Castelo na Época dos Descobrimentos"*, o cais:

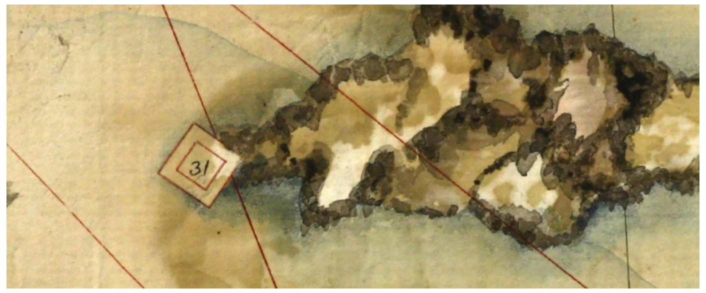
> "primitivamente era constituído por simples estacas em madeira, erguidas junto à margem, onde acostavam pequenas embarcações de cabotagem e pesca. A criação de uma zona franca à entrada da barra, no tempo de D. João I, e a correspondente abertura ao tráfego do alto mar tornaram obsoletas tais estruturas. De meados do séc XV chegaram-nos as primeiras notícias sobre a edificação de "ho cays novo". Nele a madeira foi substituída pela pedra e as plataformas paralelas à margem , por linguetas perpendiculares ao eixo do rio, à procura de maiores profundidades. Ficava situado na extremidade poente do actual jardim marginal, na desembocadura da Rua do Cais. «Cays novo q se fez no cabo da alfandega», conforme aparece referenciado numa acta do Livro de Acórdãos do Município de 1526. Em 1439 ainda estava em construção o núcleo central"[18]

Neste excerto não só confirmamos o pensamento anterior como também temos novas informações que nos ajudam a perceber a relação da vila com as atividades portuárias de Viana. Conseguimos datar o cais aqui referido ao reinado de D. João I (1385 - 1433). Também podemos afirmar que a ambição de D. Afonso III se materializa, e a vila que criou no século

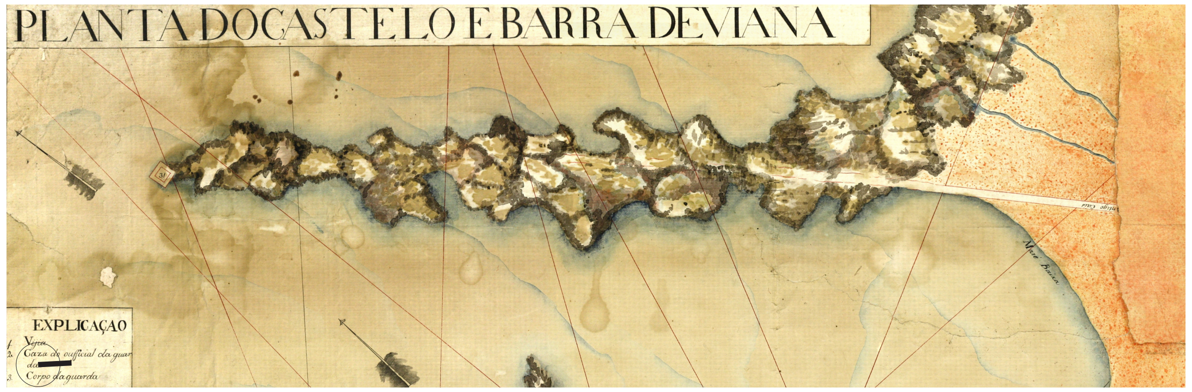
16 Peixoto, Paulo; *"Os Usos Sociais dos Rios"*; Imprensa da Universidade de Coimbra; 2017, p.60.
17 Peixoto, Paulo; *"Os Usos Sociais dos Rios"*; Imprensa da Universidade de Coimbra; 2017, p.61.
18 Moreira, Manuel António Fernandes; *"O Porto de Viana do Castelo na Época dos Descobrimentos"*; Viana do Castelo; 1989; p. 14.











Numa das análises do mapa encontramos uma legenda que refere *Antigo Cais*. Em quase todas as leituras para a realização deste trabalho o único cais referido nesta zona, nas imediações do Forte Santiago da Barra, é o Cais do Fortim, construído para ajudar a fortificação a tornar-se independente do resto da vila.

É interessante notar que a posição deste cais *desconhecido* se situa num loca maciço, bastante rochoso, na entrada da barra. Não só isto mas também parece estar a tentar ligar a zona terrestre, de praia e campos, com o pau do Bugio, sinalização que faz parte da baliza *desenhada* para auxiliar na entrada da barra no século XVI.

Não nos podemos esquecer que a Torre da Roqueta e a primitiva capela de Santa Catarina se encontravam do outro lado da enseada, tornando-se assim uma zona propensa à atividade dos pescadores da ribeira.

No mapa do século XIX este cais já deixa de ser o *Antigo Cais* e passa a designar-se como *Cais do Rapelho*. Admitindo que este poderá ter sido um reaproveitamento da estrutura ou do desenho já existente, vemos que onde antes não havia uma ligação física ao Bugio, agora esta já existe. Este é um dos cais que ainda hoje existe, se bem que em propriedade privada, nos Estaleiros Navais de Viana do Castelo.

Fig.5 **Planta do Castelo e Barra de Viana, 1794**
Fonte: Arquivo Municipal de Viana do Castelo
cota: 60228F

anterior, começa a participar ativamente nas navegações de longo curso, dando assim um salto na direção do crescimento da sua atividade portuária. Onde antes a pesca local era a essência da povoação, esta agora procura novos horizontes.

Fora da vila, que poderá significar que esta zona estava aberta não só aos vianenses, como também a outras embarcações vindas de longe e que necessitavam de abrigo e segurança e assim não tinham de entrar para a vila, e num maciço rochoso. Podemos assumir então que a implantação deste cais tinha como suporte físico as rochas já existentes, incorporando-as e tornando-o assim mais firme. Também não nos podemos esquecer que há indícios de que, do outro lado da enseada, já haveria ali uma torre, uma estrutura defensiva do tempo do reinado de D. Afonso III . Assim sendo este cais estaria também resguardado de ataques inimigos, tornano-se um porto seguro de atracagem.

Na análises ao documento cartográfico de 1794, *"Planta do Castelo e Barra de Viana"*, deparámo-nos com uma legenda que se refere a "Antigo Cais". Sendo que esta nova zona franca[19] é criada à entrada da barra, podemos assumir que será este o cais a que se refere o documento.

Independentemente da ambição dos vianenses, desde cedo que houve problemas de assoreamento do rio, em que a acumulação de areias dificultava a entrada na barra. De acordo com Peixoto, a margem direita era constituída por restingas de areia e a entrada da barra estreita, rochosa e cheia de recifes. Deste modo conseguimos imaginar a dificuldade na navegação de barcos de grande porte nos cais da Vila de Viana. Já em 1456, os procuradores deixaram declarado à corte que,

> "ahi (Viana) nom poderem navegar naus grandes, como em outro tempo sohia fazer. Hora pouco tempo há q comesaram de fazer caravelas grandes pra levarem os ditos pescados e mercadorias da comarca, por duas razões: primeira por demandarem pouca agoa; a segunda por serem ligeiros e escaparem aos corsários."[20]

19 Uma zona franca é uma região isolada e delimitada dentro de um país, geralmente situada em um porto ou em suas adjacências, onde entram mercadorias nacionais ou estrangeiras sem se sujeitar às tarifas alfandegárias normais. O objetivo consiste em estimular as trocas comerciais, em certos casos para acelerar o desenvolvimento regional. São lugares onde o governo estimula a criação de empresas e indústrias com o abaixo dos impostos e ajudando com o capital financeiro.

20 Moreira, Manuel António Fernandes; *"O Porto de Viana do Castelo na Época dos Descobrimentos"*; Viana do Castelo; 1989; p. 19.

Então a construção do cais à entrada a barra poderá também ter origem na dificuldade de navegação do rio Lima. Embarcações de grande porte não conseguiam navegar até à vila, ficando mais fácil e simples a atracagem na entrada da barra.

Este excerto dá-nos também informação importante sobre este tema. De acordo com ela, começaram-se a fazer caravelas grandes, ao invés de naus, visto que aquelas requerem menos água para navegar, facilitando assim a passagem em rios assoreados, e pelas suas capacidades de evasão a piratas. Mas o mais pertinente é saber que em meados do século XV já se encontra então algum estaleiro em funcionamento.

Numa vila onde a ocupação principal é o comércio e a atividade marítima, é imprescindível a construção da Alfândega. Viana, como um lugar onde a troca de mercadorias se tornava cada vez mais frequente, necessitaria então de um controlo aduaneiro, responsável pelo controlo de importações e exportações de mercadorias. Não só isto como também a cobrança dos taxas pertinentes e o armazenamento de mercadorias. Como elemento fundamental para a logística do porto de mar, a Alfândega de Viana foi criada em 1402. D. João I declara que

> "todas has mercadorias que viessem ao dito lugar de Viana, assim do reino como de fora, que fossem todas postas em huma casa, pera se haverem ahi de desembarquar aquellas de que hão-de pagar dízima ou não"[21]

A Alfândega, responsável pelo controle do tráfego de mercadorias vindas por mar, foi construída no extremo sul da muralha da vila. De frente para o rio, irá permanecer aqui durante séculos, implantada junto ao primeiro cais de pedra que Viana construiu.

Também nesta mesma altura está a ser reconstruído o cais perto da Alfândega. De acordo com António Carvalho[22], neste século o mercado do peixe situava-se perto do *"Cais do Lima, onde acostavam os barcos de pesca nas arcarias dos edifícios"*[23] presentes, e a ori-

21 Moreira, Manuel António Fernandes; *"O Porto de Viana do Castelo na Época dos Descobrimentos"*; Viana do Castelo; 1989; p. 22.

22 Carvalho, António; *"Mercados e Feiras" in "Acontecimentos que Viana Sentiu"*. Viana do Castelo:Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, Viana do Castelo; 2005; p. 87-90.

23 Carvalho, António; *"Mercados e Feiras" in "Acontecimentos que Viana Sentiu"*. Viana do Castelo:Junta de

gem do pescado fresco seria *"da barra e das camboas, bem como a sardinha salgada da Galiza"*[24]. Outrora com estrutura em madeira, é agora construído em pedra. No entanto houve problemas relativamente aos impostos, que levaram a população da vila de Viana a protestar às cortes de Lisboa[25]. Graças à insistência dos procuradores, os protestos foram atendidos cerca de 15 anos mais tarde[26]. A partir deste momento, em 1473, cada barco que entrasse no cais pagaria um imposto, por tonelada, e valor das sisas reverteria para o melhoramento contínuo do dito cais da vila de Viana,

> "... melhor seria V. Mag. de mandar q estes dinheiros, q hora asim pagamos, de nos serê dados pra ajuda de hum cais q he feito na dita villa q he o melhor q ha em vosos senhorios o qual he ja muyto alapidado das agoas e correntess o derribão e pra repairamento dos muros q são por acabar."[27]

Em suma, a frente fluvial desta época apresenta-se ainda quase no seu estado natural, intercalando rocha com praia e sendo pontualmente rasgada por uma zona de cais. Primeiramente temos o *Antigo Cais* à entrada da barra, seguindo-se mais a nascente, e em frente ao núcleo medieval amuralhado, o Cais da Alfândega, agora em pedra, constituído por linguetas perpendiculares ao eixo do rio, e muito provavelmente ainda mais a nascente, na zona da igreja Velha e em plena zona de areal, os estaleiros que funcionavam, construindo e reparando as embarcações da vila.

Freguesia de Santa Maria Maior, Viana do Castelo; 2005; p. 87.

24 Carvalho, António; *"Mercados e Feiras" in "Acontecimentos que Viana Sentiu"*. Viana do Castelo:Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, Viana do Castelo; 2005; p. 87.

25 De facto, tinha sido taxado um imposto anual de 16 rs. por cabeça para as obras da couraça da vila de Caminha, construção esta pouco necessária.

26 Reis, Hugo; *"Evolução da Estrutura Urbana de Viana do Castelo"*; Porto; 2008; p.25.

27 Moreira, Manuel; *"O Porto de Viana do Castelo na Época dos Descobrimentos"*; Viana do Castelo; 1989; p. 14.



Fig.6 **Carvalho, José Monteiro de,** ***Carta Geographica da Provincia de Entre Douro Minho e Tras os Montes Dedicado A Magestade Fidelissima e sempre Augusta de El Rey de Portugal e dos Algarves***
Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal, http://purl.pt/24999

2.1.4. Novo sistema defensivo - a Torre da Roqueta

Os centros urbanos, como detentores do poder político, civil e religioso, e que concentram as forças económicas e sociais, são pontos notáveis e importantes de congregação de povos e civilização, sempre cobiçados pelo inimigo. Deste modo é indispensável pensar em meios de defesa. Por conseguinte, como Manuel Moreira nos diz, *"cidade e defesa são duas realidades correlativas"*[28].

Com o progresso das atividades marítimo-comerciais e crescente enriquecimento da população vianense, a vila teve de pensar em novos sistema defensivos contra ataques surpresa e deste modo proteger, não só a população como também toda a atividade portuária que crescia cada vez mais. Igualmente na transição do século XV para o século XVI houve uma mudança nos métodos de defesa das cidades e vilas. No caso de Viana, uma das vilas no litoral do reino, este reforço defensivo teve a forma de uma torre abaluartada à entrada da foz do rio Lima. Esta torre foi crescendo, sofrendo sucessivas obras e reformulações, tranformando-se ao longo dos tempos com o porpósito de se atualizarem os métodos defensivos até ser o que hoje é conhecido como o Forte Santiago da Barra.

Neste século, o porto de Viana é dos mais importantes do país e a frota vianense dispunha de dezenas de navios de alto bordo.

Quanto ao seu enquadramento, a implantação do Forte Santiago da Barra é realizada no extremo sudoeste da vila. Isolada, a torre foi construída num maciço rochoso, como podemos observar na cartografia existente sobre a vila de Viana. Situado na margem direita do rio, em posição dominante à entrada da barra, tinha como função a defesa do ancoradouro e da povoação da vila.

Na sua generalidade, os autores apresentam a teoria que considera D. Manuel I como o responsável pelo início da construção do primeiro sistema de defesa na foz do Rio Lima.

---

28 Moreira, Manuel António Fernandes; "*A História de Viana do Castelo em Dispersos - I"*; Viana do Castelo; 2005; p.47.

Todos expressam e desenvolvem que aberto o caminho marítimo para a Índia, *"e visando a proteção da navegação na barra do Lima, por volta de 1502 D. Manuel I determinou a construção de uma torre abaluartada no (...) extremo Oeste da vila"*.

É António Peixoto que nos poderá explicar realmente a existência de uma estrutura medieval naquele sítio. Este inicia na sua obra *"O Litoral de Viana e a sua Arquitetura Militar"* explicando que

> "no caso concreto do litoral vianês, é atribuído ao tempo do rei bolonhês o início da construção de um forte, junto à foz do Rio Lima, que conheceu algumas reparações no reinado de D. Dinis. Documentada está a preocupação com a pirataria galega e francesa que perturbava a florescente actividade comercial da Vila, como o anunciaram os procuradores de Viana nas cortes de Lisboa, em Junho e Julho de 1459. Terá sido esta realidade, no tempo de D. Afonso V, que conduziu à necessidade de edificação de uma fortificação eficaz na embocadura do Rio, possivelmente, estruturada num pano de muralha de mancha quadrangular com uma torre ao meio, a actual torre da Roqueta. Esta espécie da atalaia foi concluída no reinado de D. Manuel I e constitui o último refúgio da guarnição, permitindo também aí o armazenamento de víveres e munições."[29]

Foi então no reinado de D. Afonso III que se iniciou a construção de uma estrutura defensiva junto à foz e que mais tarde, no tempo de D. Dinis, este teria sofrido reparações. Porém, de acordo com diversos autores, incluindo Alberto Antunes de Abreu, a Torre da Roqueta data, *"heráldica e estatisticamente do principio do século XVI"*[30].

No tempo dos Descobrimentos, D.Manuel I dá continuidade aos projectos de defesa marítima que D. João II iniciara. Assim, no seu reinado é concluída a Torre da Roqueta, na embocadura do rio, que desencorajaria a pirataria, e promove também a expansão dos estaleiros da vila *"que na margem do Lima, junto ao posto aduaneiro, construíam e reparavam embarcações de pequeno porte, assegurariam melhores meios de combate"*[31].

Quanto à sua composição, a Torre da Roqueta era constituída por um *"edifício de 2 pisos e sobremontado por um terraço guarnecido por duas guaritas de vigia e um matacão"*[32]

.

---

29 Peixoto, António Maranhão; *"O Litoral de Viana e a sua Arquitetura Militar"*; Viana do Castelo; 2001; p.5.

30 Abreu, Alberto Antunes; *"O Castelo de S. Tiago da Barra"*; Viana do Castelo; 1986; parágrafo 1.

31 Pinho, Isabel Maria Ribeiro Tavares; *"Os Mosteiros Beneditinos Femininos de Viana do Castelo - Arquitetura Monástica dos Séculos XVI ao XIX"*; Porto; 2010; p.21.

32 Abreu, Alberto Antunes; *"O Castelo de S. Tiago da Barra"*; Viana do Castelo; 1986; parágrafo 2.1.



Fig.7 **Planta do Castelo e Barra de Viana, 1794 - Identificação da Torre da Roqueta e da Capela de Santa Catarina**

Fonte: Arquivo Municipal de Viana do Castelo
cota: 60228F



No século XVI asistimos a uma nova evolução da vila para fora do perímetro amuralhado. Já desde o século anterior à primeira metade deste século Viana cresceu, como já vimos, para nascente. Em pouco tempo, na segunda metade do século XV, verifica-se o alargamento da vila para poente. O Mosteiro de Santa Ana, o Convento de S. Bento e o Convento de S. Domingos formam, metaforicamente dizendo, uma cerca ao redor da urbe vianense.

Teria feito sentido a vila continuar a crescer para nascente, extravasando os muros da muralha, seguindo o rio Lima, não fossem as azenhas e salinas que se sucediam logo após o Mosteiro de S. Bento. Assim sendo, seria mais natural um crescimento despreocupado, mesmo que significa-se a expansão para poente.

1. Mosteiro de Santa Ana, 1502
2. Mosteiro de S. Bento e respetivo Cais, 1545
3. Convento de S. Domingos, 1566
4. Forte de Santiago da Barra, séculos XV - XVII

A. Bugio
B. Cais da Alfândega / Lingueta do Postigo - século XV
C. Lingueta das Cales - 1609
D. Cais de São Bento e respetivos estaleiros
E. Cais do Castelo

Fig.8 **Planta de Viana, Barra e Castelo, datada de 1756, cais posteriores ao século XVI não representados**
Fonte: Peixoto, António*; "Litoral e as Cidades: Matizes Cartográficas";* Viana do Castelo; 2001; p.39.

2.2. A EVOLUÇÃO DO NÚCLEO URBANO

2.2.1. A Expansão para fora da muralha

No século XV assiste-se a um aumento da população, a vila de Viana continua a atrair novas pessoas e com o passar dos anos a afluência destas para o núcleo urbano começa a notar-se. Com o constante crescimento demográfico da vila verifica-se uma expansão para o exterior do núcleo amuralhado e consequentemente a realização de construções de edifícios adossados à muralha. No ano de 1498, o rei ordena que *"que não se construam mais casas junto aos muros das cidade"*[33] e, não só isto como também começam a formar-se novos arrabaldes, para além do crescimentos dos já existentes, que se vão desenvolvendo ao longo dos eixos que saem do burgo medieval. No caso da vila de Viana,

> "como a Rua da Bandeira (para Ponte de Lima), a dos Manjovos e de Altamira (para o litoral norte) e as do Marquez e do Castelo (primordial caminho para a barra do Lima), ou polarizados por conventos e igrejas, como foi o caso da Capela das Almas, referência persistente na malha vianense."[34]

O extravasar para o exterior da muralha ocorre, pelo menos, já nos finais do século XV. Abrem-se então neste século novas ruas e, segundo Mário Gonçalves[35], existem referências de diversas ruas já no início do século XVI. Estas, pararelas entre si, encontram-se a nascente do núcleo amuralhado. Entre o primeiro quarteirão e o rio temos o largo do Pombal, seguindo-se a rua dos Caleiros, da Piedade, da Gramática e da por fim a rua da Videira a norte. Podemos concluir que esta zona estaria já consolidada, desenvolvendo-se desde o tempo do pequeno núcleo do Adro até este século. A vila, no final deste século ocupava para além do espaço existente no interior da muralha, todo o restante até à Igreja Velha, havendo um crescimento do povoado que já existia antes da formação da vila, e estariam a lançar-se as

33 Carta Régia 5/21; http://amvc.mygead.com/geadopac/Register/Index/a9b253e4-eba1-43da-ba49-d7650ef663f0 .

34 Fernandes, Mário Gonçalves; *"A Evolução do Centro Histórico de Viana do Castelo"* in Revista Semestral de Edifícios e Monumentos 22; Lisboa; 2005; p.10.

35 Fernandes, Mário Gonçalves; *"Viana do Castelo: Obras Públicas e Evolução do Espaço Urbano (1855-1926)"*; in Revista da Faculdade de Letras - Geografia I; Série, Volume VIII, Porto 1992; p.72.

primeiras bases do crescimento para poente, com o início da rua dos Manjovos, e para norte com a Rua de Sant'Ana.

Este crescimento contribuiu também para o estabelecimento de novos locais de feira, que permaneceram durante o resto do século. Até então o mercado era realizado junto à Rua do Poço e acontecia quinzenalmente às quintas-feiras. No século XVI os lugares de mercado são transferidos para fora do núcleo medieval. A feira e mercado de legumes e cereais é deslocado para a Praça das Couves (atual Rua Gago Coutinho), a carniçaria situava-se entre a Rua da Misericórdia (atual Rua da Bandeira) e das Padeiras, o mercado do peixe localizava-se perto do cais, onde acostavam os barcos de pesca, e a venda de pão e fruta no rés-do-chão do edifício dos Paços de Concelho.

2.2.2. Os Paços de Concelho

Este exponencial crescimento urbano contribuíu para a definição de novos centros históricos. Foi predominantemente no século XVI, como podemos ver na imagem, que se edificam os conventos fora do burgo medieval. Estas novas edificações não só ajudaram a propulsionar o desenvolvimento, como também a definir as articulações com as portas das muralhas, uma vez que estes estavam ligados por ruas ao burgo. Nestas vias geraram-se, durante os séculos seguintes, novas referências históricas, construindo-se residências de famílias pertencentes não só à burguesia como também à nobreza.

Assim, com a expansão do perímetro da vila para fora da muralha houve a necessidade de criar um novo centro político e comercial mais adequado ao ambiente de prosperidade que se vivia. As reuniões camarárias muito provavelmente realizavam-se na praça velha, num local próximo onde foi construída a Igreja Matriz. Progressivamente, este novo centro transfere-se para o Campo do Forno, atual Praça da República, situado a norte. Assim, por volta de 1505, foi edificado o novo edifício dos Paços do Concelho, por ordem de D.

Manuel I e procede-se à sua construção no topo deste campo[36].

Ergue-se então o novo edifício fora do burgo muralhado, nas imediações onde se localizava a porta de São Tiago, relativamente próximo ao local onde até então se faziam as reuniões, criando assim um novo pólo urbano. O novo edifício assentava numa arcada, onde se fazia a venda de pão e farinha. Com o piso térreo destinado ao comércio, o primeiro andar era fechado e utilizado como câmara e tribunal[37].

Neste novo centro também se fixa, em 1527, o Hospital da Irmandade de Nossa Senhora da Misericórdia e a fonte "da povoação, suplantando o velho poço que dera o nome à homónima rua"[38].

2.2.3. Os Conventos , um novo limite urbano

Na mesma altura, em 1510, foi iniciada a construção de um imponente mosteiro de religiosas beneditinas que foi adquirindo a sua forma durante as décadas seguintes, o Mosteiro de Santa Ana.

> "o sumptuoso Mosteiro de Santa Anna de Freyrãs de S. Bento , situado no mesmo bairro da Carreira , que fundou ElRey Dom Manoel pelos annos de 1502, tem huma fermosa Igreja com grandes ornamentos, com dous pateos na entrada, em que se correm touros, hum soberbo dormitorio com bom miradouro, & duas grandes Cercas"[39]

Embora transformado este ainda subsiste e ocupa um lugar privilegiado na parte alta da cidade de Viana do Castelo. De acordo com Isabel Pinho,

> "é ponto assente que as obras terão começado em 1510. Figueiredo da Guerra diz que viu a escritura firmada em 2 de Julho daquele ano. Faltam-nos documentos originais mas iremos socorrermo-nos das notas daquele estudioso que diz te-las feito a partir de um Livro de Receita/ Despeza "da obra que se fez no mosteiro de Santa Anna, arrabalde da villa de Vianna"[40]

---

36 "*Câmara Municipal de Viana do Castelo*", acedido em fevereiro de 2018 no *website* do Sistema de Informação para o Património Arquitetónico: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=3487 .

37 Hoje todo ele funciona como um pequeno centro cultural, tendo à sua frente o Chafariz da Praça da República e a norte a Misericórdia de Viana, com os quais forma um dos símbolos mais emblemáticos da cidade.

38 Reis, António Matos; *"Viana, a Cidade Através do Tempo";* Viana do Castelo; 1993; p.12.

39 Costa, António Carvalho da; *"Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal - Tomo I"*; 1706-1712; Lisboa; p.191.

40 Pinho, Isabel Maria Ribeiro Tavares; *"Os Mosteiros Beneditinos Femininos de Viana do Castelo - Arquitetura Monástica dos Séculos XVI ao XIX"*; Porto; 2010; p.155.

Na mesma época que estava a ser edificado o Mosteiro de Santa Ana, constrói-se também outro espaço para as religiosas beneditinas, o Convento de S. Bento. Onde hoje se situa a praça de Frei Gonçalo Velho em tempos era o terreiro desta nova construção monástica. Na sua origem estava um *"recolhimento de beatas situada junto à ermida de São Bento"*[41]. Apesar do seu equivalente caráter religioso, o que diferenciava os dois tinha como base a classe social das religiosas. O Convento de S. Bento sendo uma casa beneditina para religiosas não nobres e o Mosteiro Santa Ana destinando-se a beneditinas nobres. Não se sabe exatamente quando foram lançadas as fundações do Convento de S. Bento no entanto,

> "Segundo F. Guerra a obra começou na compra de um campo a António Esteves em 1547 que se acabaria de pagar em 1568 . Diz ele também que as primeiras dependências foram o refeitório e o dormitório e só se começou a igreja depois de demolir a ermida em 48. Assim a data inscrita no tímpano, 1549, é o inicio da construção."[42]

Considerando a zona que este se fixou, fora da vila, e muito provavelmente num espaço junto à margem do rio, partilhava também o local com os recém ampliados estaleiros de S. Bento, cuja área tinha ficado por decreto régio reservada unicamente para aquele fim[43]. A implantação do convento no território não seria a ideal. Inserido nas imediações da Porta da Piedade, num dos eixos principais de comunicação com o núcleo medieval, a agitação do quotidiano, a deslocação de pessoas e mercadorias, ia contra o perfil de tranquilidade e recolhimento que a Ordem indicava. No entanto, os fundadores tinham outra convicção, *""por parecer luguar apto e decente…" ou pela atractiva perspectiva de pagarem relativamente pouco à colegiada."*[44] Não só contraria então os princípios base como a sua implantação não permitiria a expansão quer para norte, porque passava a estrada real, a sul devido ao rio e a poente porque se situava o estaleiro já existente.

De acordo com as cartas régias no Arquivo Municipal de Viana do Castelo, em 1546

41 Sousa, Bernardo Vasconcelos e; *"Ordens Religiosas em Portugal : das Origens a Trento : Guia Histórico"*; Lisboa; 2006.

42 Pinho, Isabel Maria Ribeiro Tavares; *"Os Mosteiros Beneditinos Femininos de Viana do Castelo - Arquitetura Monástica dos Séculos XVI ao XIX"*; Porto; 2010; p.288.

43 Pinho, Isabel Maria Ribeiro Tavares; *"Os Mosteiros Beneditinos Femininos de Viana do Castelo - Arquitetura Monástica dos Séculos XVI ao XIX"*; Porto; 2010; p.190.

44 Pinho, Isabel Maria Ribeiro Tavares; *"Os Mosteiros Beneditinos Femininos de Viana do Castelo - Arquitetura Monástica dos Séculos XVI ao XIX"*; Porto; 2010; p.290.

o Arcebispo permite a construção de uma nova paróquia na zona de Santa Catarina[45]. Esta área situa-se a poente do burgo medieval e onde se encontrava, e ainda hoje se encontra, um dos bairros piscatórios da vila. Tal poderá então indicar que a zona da ribeira já teria uma dimensão razoável e por essa mesma razão se começou a erguer, em 1562, a igreja de Santa Cruz, um convento dominicano estabelecido por Dom Frei Bartolomeu dos Mártires.

A implantação dos conventos desta Ordem religiosa fazia-se num lugar urbano central. À vista disto existe então um fundamento na implantação do novo convento na sua proximidade física não só com o núcleo medieval mas também com o bairro piscatório da zona da ribeira. Uma ordem religiosa católica onde o objectivo não só passava pela pregação da palavra e da mensagem de Jesus Cristo como também promover a atividade pastoral nas cidades, Frei Bartolomeu dos Mártires, arcebispo de Braga, tinha como intenção suster a possível onda subversiva que chegava à vila de Viana e assim evangelizar a população,

> "terra cheia de gente rica e muito nobre, de grande trato e comercio, por hûa parte com as conquistas de Portugal, Ilhas e terras novas do Brasil; por outra, com França e Flandres, Inglaterra e Alemanha, donde e pera onde recebia do ordinario muitos generos de mercadorias e despedia outras; pera os quais tratos traziam os moradores no mar grande numero de naus e caravelas, com grossas despesas, a que respondiam iguais retornos e proveitos, que tinham a vila florentissima e em estado de hûa nova Lisboa…. onde havia concurso de mercadorias e mercadores não faltaria a raiz de todos os males, que é a cubiça…"

Deste modo o Convento de S. Domingos ergue-se nas imediações de uma comunidade em pleno crescimento demográfico visando assim a formação dos habitantes no contexto da Contrarreforma. No entanto a fundação deste convento teve, no início, fortes opositores,

> "Mas uma objeção ainda lhe puseram os homens bons de Viana. É que o lugar onde o arcebispo pretendia construir o seu convento era chão de dois grandes olmos que serviam de baliza para enfiamento de perspectivas para os barcos entrarem a barra. Nestas circunstâncias, D Frei Bartolomeu dos Mártires ordenou que no lugar dos olmos fossem construídas duas esguias torrinhas brancas que pudessem ainda melhor, pela sua altura e alvura, servir de enfiamento da linha diretriz definidora do rumo dos barcos. As torres, de pedra e caiadas, ainda existem e dispõem mesmo duns janelões onde podia ser acendida uma mecha que pudesse ajudar os barcos durante a noite."[46]

45 "*Carta Régia 5/40"*, acedido em abril de 2018, no website do Arquivo Municipal de Viana do Castelo: http://amvc.mygead.com/geadopac/Register/Index/00bee0b4-6f08-4c84-9149-1e2fba288ac8

46 Abreu , Alberto Antunes de; "*História de Viana do Castelo*"; Volume II; Tomo 1; Viana do Castelo, 2008-2009; p. 156-157.

Construído o Convento de S. Domingos, este contribuiu para a expansão e crescimento do bairro adjacente. O largo à frente do convento passou a *"servir-lhes para consertar o velame, e o Campo do Castelo para coser, e secar tanto as redes como o cação"*[47].

No final do século XVI a vila de Viana estava cercada, metaforicamente, pelo novo limite que estes três mosteiros formavam.

2.2.4.A Rua de S. Sebastião

No início do século XVI, com a vila a sair do núcleo mediecal e a expandir-se com maior rapidez, formam-se novas ruas principais, como a rua da Bandeira, de Sant'Ana (atual Rua Cândido dos Reis), para norte e que ligava o núcleo medieval ao Mosteiro de Santa Ana, da Picota, que ligava o Campo de Forno com a rua dos Manjovos, no extremo sudoeste da vila, e a rua de S. Sebastião (atual Rua Manuel Espregueira), que se estendia do Campo de Forno para poente em direção ao Convento de S. Domingos.

Existindo a estrada que ligava o burgo medieval com Caminha, com a construção do Convento de S. Domingos a antiga rua, agora apeliada de S. Sebastião, torna-se um dos eixos principais da vila ganhando uma nova dinâmica durante os séculos seguintes.

A antiga rua de S. Sebastião, tinha assim o nome, uma vez que esta via ligava o núcleo medieval à capela de S. Sebastião que existiu durante séculos nas imediações da igreja de Santa Cruz. Ao longo dos séculos esta rua foi evoluindo chegando aos nossos dias como uma das ruas mais importantes de Viana. Rica arquitetonicamente, a rua de S. Sebastião congrega diversos edifícios de diferentes épocas. Atualmente designada como Rua Manuel Espregueira, é um dos pólos com maior afluência de comércio tradicional, tendo ainda o encanto arquitetónico dos diferentes séculos.

47 Abreu , Alberto Antunes de; *"Para a História de Viana do Castelo I"*; Viana do Castelo, 2004-2007; p.175.



Fig.9 **O lardo de S. Domingos e a rua de S. Sebastião - um dos eixos principais da vila**
Fonte: Arquivo Municipal de Viana do Castelo

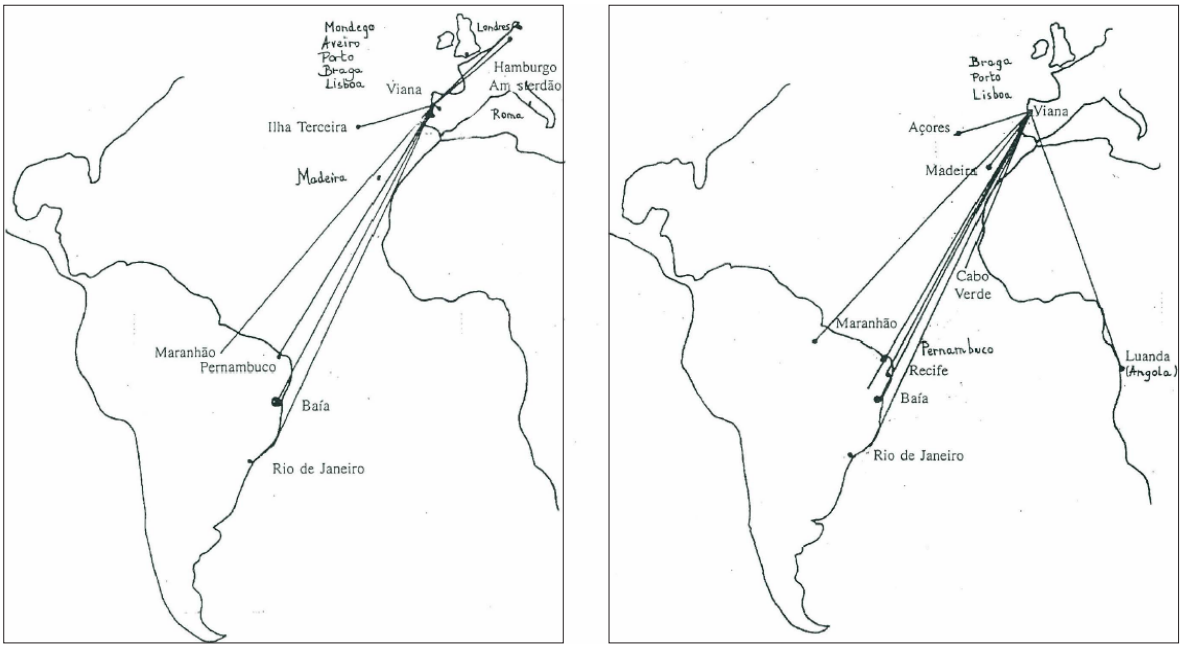


Fig.10 **Alguns exemplos de redes comerciais: Guilherme de Campaner e Baltazar Robirn de Lima, século XVII**
Fonte: Joukes, Veronika; *"Os Flamengos no Noroeste de Portugal (1620 - 1670)"*; Porto; 1999; CXLI e CXLII.

2.2.5. A Relação com o Rio - XVI

A descoberta do novo continente, a América, pelos espanhóis, expandiu de modo geral o horizonte geográfico dos europeus. Juntamente com as conquistas dos portugueses em viagens, as nossas próprias exploração marítimas, como a descoberta da ligação náutica entre o Atlântico e o Oceano Índico, o contributo português foi fundamental para delinear o novo mapa mundo. Deste modo, graças aos Descobrimentos portugueses, não só novas rotas comerciais foram abertas como também se procedeu ao estabelecimento de colónias além mares. Foi assim que, na época de quinhentos, se deu uma grande expansão dos portos flúvio-marítimos a nível nacional. De modo a acomodar tanto o crescente movimento de tráfego como a urgência de maior eficiência,

> "os Descobrimentos obrigaram os sucessivos governos a adoptarem uma política de desenvolvimentos portuário que contemplava a melhoria dos fundos fluviais, a construção de novas docas, a libertação de espaços envolventes , a criação de estaleiros navais, a modernização das estruturas defensivas, o aperfeiçoamento das técnicas e regulamentos de atracagem."[48]

Manuel Moreira também nos indica que, no que diz respeito ao porto da vila de Viana, foram realizadas grandes obras nas áreas de desassoreamento, defesa e molhes. Sabemos que no início do séc. XVII este porto era um dos mais bem apetrechados e movimentados do reino.

Com a porta do mar aberta a outros continentes a perspectiva de grandiosidade e riqueza, os marinheiros da vila aventuraram-se no novo mundo. Muitos foram os vianenses que participaram nas excursões dos Descobrimentos, nomeadamente Brasil e Índia.

Ainda nesta época iniciaram-se as trocas entre Portugal e a Europa. "Foi o tempo do

48 Moreira, Manuel; *"O Porto de Viana do Castelo na Época dos Descobrimentos"*; Viana do Castelo; 1989; p. 13.

sal que saía e dos panos que chegavam nas trocas com os portos da Europa do norte"[49]. Entre a comercialização de bens e transações os vianenses começaram a florescer no sector dos transportes. Com o avanço do tempo as trocas e as vendas tornaram-se cada vez mais, "em maior volume e de forma mais diversificada"[50]. Em Viana, Moreira revela que

> "na época de quinhentos os seus navios percorriam o Atlântico de lés-a-lés, desde a Terra Nova ao Golfo da Guiné, da Flandres ao Brasil, de Sevilha às Antilhas, comerciando e pescando."[51]

Com a crescente ascensão do nosso país no mundo da expansão e conquista *"Viana acompanhou a recuperação económica de meados do século XV, desenvolvendo um intenso tráfico de panos, ferro e material de construção naval com os portos britânicos, franceses e biscainhos e participou activamente nos Descobrimentos"*[52]. Manuel Moreira diz-nos,

> "históricas proporcionadas pelos Descobrimentos e pelas condições excepcionais de ordem geográfica, em que se integrava, um fenómeno paradigmático de oportunidade e manifesto triunfo. Cedo se transformou no verdadeiro pulmão da sociedade e economia da região nortenha do País bem como num poderoso hinterland, cujos contornos abrangia os dois Atlânticos, Norte e Sul"[53]

Deste modo, nesta época podemos pressupor que foram realizadas diversas obras no seu porto de mar.

Em consequência do crescimento, os estaleiros de Viana também se desenvolveram. Como já mencionamos existia um estaleiro na vila de Viana. Podemos pressupor que no final do século XV e início do século XVI a atividade naval na vila tenha encontrado uma fase de crescimento. Como tal, em 1502, o rei D. Manuel I, por carta régia, manda expropriar um quintal de Álvaro Rodrigues para ampliar o terreno dos Estaleiros de São Bento[54], concedendo assim mais área *"no arrabalde de Gontim"*[55] para a ampliação dos "*velhos e acanhados*

---

49 Pinho, Isabel Maria Ribeiro Tavares; "*Os Mosteiros Beneditinos Femininos de Viana do Castelo - Arquitetura Monástica dos Séculos XVI ao XIX"*; Porto; 2010; p.19.

50 Pinho, Isabel Maria Ribeiro Tavares; *"Os Mosteiros Beneditinos Femininos de Viana do Castelo - Arquitetura Monástica dos Séculos XVI ao XIX"*; Porto; 2010; p.19.

51 Moreira, Manuel António Fernandes; *"O Porto de Viana do Castelo na Época dos Descobrimentos"*; Viana do Castelo; 1989; p. 9.

52 Abreu , Alberto Antunes de; *"Para a História de Viana do Castelo I"*; Viana do Castelo, 2004-2007; p.72

53 Moreira, Manuel António Fernandes; *"O Porto de Viana do Castelo na Época dos Descobrimentos - Abordagem das Fontes";* p.43.

54 Carta Régia 1/05; http://amvc.mygead.com/geadopac/Register/Index/143a8449-f2d2-4c86-b4a3-41bc9ad3b66d

55 Abreu , Alberto Antunes de; *"Para a História de Viana do Castelo I"*; Viana do Castelo, 2004-2007; p.170.

estaleiros"[56]de S. Bento. No entanto,

> "a sua localização veio mais tarde a ser contestada pelas freiras do mosteiro contíguo, pelo barulho provocado pelo trabalho de carpintaria das naus e os desacatos do linguajar de carpinteiros e calafates, que trabalhavam junto às paredes das celas. Talvez por isso surgiram outros estaleiros em Santa Catarina, e outros a sul da Praça das Couves e leste de Pombal (portanto 50 metros a oeste de S. Bento). As embarcações neles construídas iam das chiolas (barco muito rude para pesca e cabotagem) a pequenas naus."[57]

Apesar deste avanço na atividade naval e atividade portuária, a acumulação de areias continuava um problema constante. Segundo Moreira[58], nas obras do atual porto foram encontrados vestígios de estacarias nas duas margens, datadas de 1516. Uma técnica usada para provocar um aumento da velocidade da água de modo a não acumular areias no leito do rio, regularizando assim as margens do rio.

Constantemente com problemas de navegação, independentemente das obras já concluídas para ajudar, em meados deste século, em 1538, foram lançados diversos projetos para construção de parte da cidade, sobretudo no que se refere ao porto. Com várias etapas da sua evolução os portos e cais continuam a ser dos elementos de referência da cidade. Segundo Moreira foi construído um paredão na margem direita, na entrada da barra.

> "foi praticado que seja muito proveito para a barra e navegação, de melhor serventia pera os bates e outras cousas da navegação, fazer se parede desde o pao do borrão pera terra e calçado de maneira q a agoa, q se espraya de ho pao do borrão pera terra, fose pera a entrada da barra; por q seja mais junta e seja a barra mais alta he tambe se podia servyr mylhor da parte da terra e yr ate ao pao do borrão, q se faça parede tão alta q se possam syrvyr de preamar pequena... a dita barra estava emtopida com areas de maneyra q se não pode ahi navegar, por ellas, naos ne navios, como dantes navegação"[59]

Um novo paredão que ajudaria a direcionar a água para a entrada da barra. Devido à acumulação das areias, este teria então de ter uma altura suficiente para que as embarcações conseguissem navegar pelo menos em altura de maré alta. Nesta reflexão conseguimos perceber a gravidade do assoreamento do rio Lima na vila de Viana. Foram então erguidos nesta

56 Moreira, Manuel António Fernandes; *"O Porto de Viana do Castelo na Época dos Descobrimentos"*; Viana do Castelo; 1989; p.27.

57 Abreu , Alberto Antunes de; *"Para a História de Viana do Castelo I"*; Viana do Castelo, 2004-2007; p.170.

58 Moreira, Manuel António Fernandes; *"O Porto de Viana do Castelo na Época dos Descobrimentos"*; Viana do Castelo; 1989; p.19.

59 Moreira, Manuel António Fernandes; *"O Porto de Viana do Castelo na Época dos Descobrimentos"*; Viana do Castelo; 1989; p.20.

época, de modo a facilitar as condições de navegabilidade e auxiliar a entrada, os tais paus:

> "são implementadas balizas à sua entrada: o pau do borraom" (do Bugio) e o pau do cabedelo, e depois, já bem dentro da vila, os ourais, que vão ficar incluídos na volumetria do convento de S. Domingos, dotados de frestas para colocação de iluminação sinalizadora"[60].

Estes paus serviam, portanto, como sinalização para os pilotos entrarem na difícil barra de Viana. Desempenhando uma função quase que como de uma baliza, demarcando o corredor navegável do rio. O pau do *Borrão,* assumindo que o texto fale do Bugio, é ligado ao terreno contíguo, um areal num dos lados de uma reentrância que existia entre áreas rochosas, formando uma pequena enseada na foz do rio.

Como a situação do porto de mar continuou instavél na possibilidade de atracagem fez-se, na margem esquerda do rio, o marachão[61] de S. Lourenço. Nome derivado à capela ali existente desde a primeira metade do século XVI, em 1561, procede-se também à construção de uma estrutura defensiva, segundo Francisco Fernandes[62], para a defesa da capela das cheias do rio.

> "pella muy necessidade q esta vila tem de corrigir o ryo e a barra (...) ... e que o dito marachão aver de ser de duas braças de altura e vynte palmos de largo... podera ter trezemtas braças de cumprido e fazendose asobir as quatrocentas braças"[63]

O marachão teria então cerca de 3,65 metros de altura e 2 metros de largura, estendendo-se por 548 metros. De acordo com a citação de Manuel Moreira o marachão, que se iria construir iria ter uma dimensão considerável, no entanto é possível perceber que talvez já existisse pelo menos 100 braças. Estas de menor altura do que as que estariam aqui a ser planeadas, coloca-se neste tempo a hipótese de crescer, em altura, com esta existência e assim uniformizar a altura de toda a construção. No entanto esta obra de grandes proporções estava inacabada quase uma década depois e sem resultados apreciáveis. Muitas mercadorias eram descarregadas fora da barra, sobretudo as transportadas em grandes calados.

---

60 Peixoto, António Maranhão; *"O Litoral e a Cidade: Matizes Cartográficas";* Viana do Castelo, 2001; p.9.

61 *"Aterro ou dique à borda de um rio, destinado a impedir inundações"* em Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013.

62 Carvalho, António; *"Mercados e Feiras" in "Acontecimentos que Viana Sentiu"*. Viana do Castelo:Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, Viana do Castelo; 2005.

63 Moreira, Manuel António Fernandes; *"O Porto de Viana do Castelo na Época dos Descobrimentos"*; Viana do Castelo; 1989; p.20.

Posto isto, no século XVI o porto de Viana sofreu diversas alterações desde o século anterior. O maior crescimento, muito provavelmente, terá sido a ampliação dos Estaleiros de S. Bento, sendo que a atividade naval também notou um significativo crescimento. As obras efetuadas passaram essencialmente pelas diversas tentativas de desassoreamento do rio e colocação de sinalização permitindo assim a navegação das embarcações no rio Lima.

2.2.6. Ampliação do sistema defensivo

Relembrando que para além da muralha medieval também existia a Torre da Roqueta na entrada na foz do rio Lima, neste século esta sofre uma ampliação. É construído o novo método de defesa da vila.

De acordo com Paula Noé, em 1566, já no reinado de D. Sebastião (1554-1578), teve-se conhecimento, na cidade de Lisboa, que as *"forças de Bertrand de Montluc, um nobre francês, haviam tomado a fortificação do Funchal e pilhado a cidade"*[64]. Verificou-se que as fortificações da costa portuguesa não mantinham um desempenho favorável face às novas armas de fogo. De acordo com a autora, pouco depois, o *"cardeal D. Henrique organiza três missões para avaliar as necessidades de defesa do Reino e estabelecer prioridades"*[65]. A segunda missão, em outubro do mesmo ano, foi dirigida para o Norte, com a planificação das fortificações da região de Entre-Douro-e-Minho.

No seguimento destas missões a Coroa decide pelo melhoramento e reforço do sistema defensivo da costa do reino. Deste modo, foi deliberada a construção de fortificações na foz dos principais rios, particularmente os que possuíam portos de certa envergadura, nomeadamente a foz do Douro, do Ave e do Rio Lima.

Foram então diversos os factores que levaram à construção de um pequeno forte envolta da existente Torre da Roqueta na vila de Viana. Por um lado, a estrutura marítima

64 Noé, Paula; *"Guia de Inventário – Fortificações Medievais e Modernas"*; Sacavém; 2015; p.21-22.
65 Noé, Paula; *"Guia de Inventário – Fortificações Medievais e Modernas"*; Sacavém; 2015; p.21-22.

aumentava de modo excepcional, principalmente em número de navios. Existiam também as novas rotas para o Brasil, que para além da grande comercialização do açúcar também implicava o transporte de madeira. Por outro lado, como já mencionado acima e de acordo com Moreira, outro factor que levou a esta construção foram:

> "as guerras religiosas entre europeus, surgidas com a Reforma. A pirataria hugunote e francesa passou a flagelar as frotas de Viana, infligindo pesadas baixas na rota que ligava o canal da Mancha e as ilhas Atlânticas em que os mareantes Vianenses eram peritos. Por sua vez a inquisição vigiava e alertava para os perigos, desenvolvendo uma atmosfera de medo."[66]

Com todo este interesse na vila de Viana, com as ameaças violentas e sucessivas da pirataria que se foram intensificando, era necessário desenvolver as estruturas defensivas, tanto da vila, como da população vianense, visto que *"as muralhas medievais e a exígua Roqueta não estavam em condições de dar aos vianenses quaisquer garantias de imunidade e isenção ou salvaguarda de vidas e interesses"*[67].

Chega então a Viana, no ano de 1566, um emissário real, Vasco Barbudo, e com ele traz o projeto e as condições financeiras para a construção da fortaleza: *"para se ordenar, na dita Villa, fortaleza e para defesa desta vila dos franceses, pelos dias passados serem saqueado... para aver mayor seguridade deste povo"*[68].

Como António Peixoto nos informa, *"o Livro de Acórdãos de 1569 regista a decisão da Câmara, em 12 de Junho, de que 'na entrada desta villa se faca bu forte para defesa ... por que ho dito forte estava parte dell efeyto' "*[69].

Como tal, em 1571, inicia-se a construção do Castelo de Santiago, da Barra em Viana do Castelo, integrando a denominada torre manuelina da Roqueta[70].

Nos terrenos que eram públicos, na foz de Viana, já existia a primitiva Capela de Santa Catarina. Era aqui que estava sediada a Confraria dos Pescadores e onde a procissão solene do

66 Moreira, Manuel António Fernandes; *"A História de Viana do Castelo em Dispersos - I";* Viana do Castelo; 2005; p.56.

67 Moreira, Manuel António Fernandes; *"A História de Viana do Castelo em Dispersos - I"*; Viana do Castelo; 2005; p.57.

68 AMVC, LA 1566, 24, 25, 74, 75.

69 Peixoto, António Maranhão; *"O Litoral de Viana e a sua Arquitetura Militar"*; Viana do Castelo; 2001; p.6.

70 Noé, Paula*; "Guia de Inventário – Fortificações Medievais e Modernas"*; Sacavém; 2015; p.21-22.

Corpo de Deus parava para abençoar o mar e as fainas marítimas, sendo assim um pólo de culto popular. Nesta zona rochosa,

> "ficavam localizadas duas caudalosas fontes de água doce onde os homens da pesca lavavam os seus apetrechos. O solo era firme e, nas imediações, existiam pedreiras capazes de fornecer óptima pedra e o melhor caulino de Viana. Foi neste lugar estratégico que os poderes resolveram sedear o grande projecto capaz de preservar dos ataques inimigos aquela povoação a quem o rei D. Sebastião, então reinante, apelidou de «Villa notável»."[71]

De acordo com Alberto Antunes Abreu a fortaleza subsequente à Torre da Roqueta teria uma *"planta trapezoidal, medindo dois dos seus lado 30 e 40 metros respetivamente e aproveitava a Torre da Roqueta"*[72] . O conjunto ficou conhecido como Castelo, uma pequena fortaleza de *"traçado fora de moda e tecnicamente ultrapassado, como outras do país, para cuja fragilidade Francisco de Holanda chamara a atenção"*[73].

Apesar desta nova construção ainda lhe faltava artilharia de alcance e é em 1571 que este novo forte é dotado com *" 'artilharia de alcance, uma peça grande de metal e duas de ferro coado, das que estavam em Bayona' "*[74].

Apesar destes esforços em defender a vila sabe-se que os inimigos não desistiam dos ataques, inclusive que em 1574 *"oito navios franceses chegaram mesmo a ameaçar entrar a barra. E, depois da derrota da Armada Invencível, ingleses e holandeses se acrescentaram aos inimigos tradicionais"*[75].

Com a morte de D. Sebastião, no ano de 1578, inicia-se uma nova etapa em Portugal. Para além da perda do rei, que enfraqueceu o reino, passou a estar em causa a independência do país. Após a morte do Cardeal D. Henrique, a 11 de janeiro de 1580, sem nomeação de sucessor, em Agosto do mesmo ano as forças do rei D. Filipe II de Castela entram, por via terrestre e marítima, sendo Lisboa tomada sem grande oposição.

---

71 Moreira, Manuel António Fernandes; *"A História de Viana do Castelo em Dispersos - I"*; Viana do Castelo; 2005; p.57.

72 Abreu, Alberto Antunes; *"O Castelo de S. Tiago da Barra",* Viana do Castelo; 1986; parágrafo 3.1.

73 Reis, António Matos, *"Viana, a Cidade Através do Tempo*"; Viana do Castelo; 1993; p. 14.

74 Peixoto, António Maranhão; *"O Litoral de Viana e a sua Arquitetura Militar"*; Viana do Castelo; 2001; p.6.

75 Abreu, Alberto Antunes; *"O Castelo de S. Tiago da Barra"*; Viana do Castelo; 1986; parágrafo 3.

2.2.7. A edificação do Forte de Santiago da Barra sob o domínio Filipino

Durante o período da União das Coroas, que se prolonga de 1580 a 1640, a fronteira terrestre perde valor estratégico, levando a que as principais fortificações localizadas no limite do reino fossem quase abandonadas, privilegiando-se essencialmente as fortificações na frente marítima. Em consequência disto, os ataques ao longo da costa portuguesa tornaram-se frequentes, quer por pirataria muçulmana, francesa, holandesa e britânica, esta última terminada com o tratado de paz assinado com Inglaterra em 1604. Como resultado destes ataques constantes procede-se ao melhoramento das defesas das zonas portuárias mais vulneráveis, como Lisboa, Setúbal, Porto, Viana do Castelo, Sines e Lagos.

Nas diversas transformações que o Forte de Santiago da Barra sofreu, é sob o domínio filipino que se desenvolvem os grandes trabalhos nesta fortificação. A fortaleza que hoje vemos, com uma área de cerca de 25 mil metros quadrados, é a que menos transformações e ampliações sofreu, sendo considerada como a Fortaleza Filipina.

Não só os recorrentes ataques por mar eram ameaças, como também a população mostrava o seu desagrado com a união dos dois reinos sob o domínio espanhol. Com a intimidação crescente Filipe II de Espanha, I de Portugal (1580-1598), ordena o reforço dos dispositivos de defesa segundo novas e modernas técnicas. Em 1589, o rei D. Filipe I pede para que as obras da fortificação que se estavam a fazer fossem concluídas o mais rápido possível porque para além de defender o porto de Viana, a fortificação passaria a albergar os soldados:

> "Juiz, Vereadores e Procurador da villa de Vianna, / eu el Rey vos envio muito saudar. O mestre de campo, / Pero Bermudez, vos falara de minha parte com esta carta / sobre a ajuda que sera necessario que deis para se poder acabar / brevemente a fortificação do Castello que se faz nessa Villa. / Encomendo-vos muito que em tudo o que sobre isso vos disser / lhe deis inteiro credito e ajudeis para a dita obra com o que / boamente poderdes, pois he em beneficio geral do Reino / e vosso em particular muito grande, porque, alem da / guarda e defensão desse porto, podereis ficar livres da / hospedajem dos soldados que se passarão a viver no / Castello, e eu receberei nisso de
>
> vos particular serviço. / Escrita em Sanct Lourenço a 23 de Julho de 89. /Rey //"[76]

76 *"Carta Régia 3/04"*, acedido em Abril de 2018, no *website* do Arquivo Municipal de Viana do Castelo: http://amvc.mygead.com/geadopac/Register/Index/3fb5d7db-eee3-4d48-8538-6833a94e567f

A implantação da fortaleza tem uma caraterística particular. Ao contrário de outras fortalezas no território nacional situadas na frente do mar, a localização e implantação do Forte Santiago da Barra procurava a defesa não dos ataques vindos por mar mas sim por terra. Devido às dificuldades da entrada na barra de Viana já referidas, as tropas inimigas teriam de desembarcar nas praias mais a norte da vila, nomeadamente nos arredores da Areosa, e prosseguir caminho a pé até à vila.

> " (…) no desembarque de tropas nas praias de areias e consequentemente ocupação de posições chaves como eram a Veiga de Figueiredo, o morro da Portela e o Campo d'Agonia."[77]

Neste período governa a praça de armas D. Pero de Bermudez de Santisso que *"mobiliza os lavradores dos arredores para o transporte de pedra e terras necessárias à edificação"*[78]. Segundo o mesmo autor, a pedra provém do monte de Santa Luzia, lugar da Povoença, mais tarde chamado Pedreira.

O forte sofre uma grande ampliação aumentando assim o seu perímetro e a muralha, integrando a estrutura medieval da Torre da Roqueta a sudoeste, e adquire um traçado pentagonal. Como vimos, o forte orienta-se para terra e deste modo adopta o sistema de baluartes triangulares nos vértices orientados para norte e nascente. As paredes adoptam um novo perfil, com um dos pano das cortinas da muralha inclinada, formando um perfil trapezoidal para maior estabilidade ao impacto da artilharia e controlo das posições inimigas nos ângulos mortos. No seu interior edificam-se diversos equipamentos de apoio como os quartéis da cavalaria, a oeste, o quartel do sargento-mor e soldados e o quartel do governador a sul, o pail, a Capela de Santiago e sobre o baluarte de São Filipe ergue-se o Farolim de Santiago.

Com estas importantes obras no forte, o porto de mar passou a oferecer abrigo mais seguro a qualquer embarcação que por ali passasse. Com o mandato para cercar e encerrar, com baluartes e muralhas a fortificação já existente, fica no seu interior a velha ermida de Santa Catarina, padroeira dos pescadores, que se encontrava no local e é incorporada no inte-

77 Moreira, Manuel António Fernandes; *"A História de Viana do Castelo em Dispersos - I"*; Viana do Castelo; 2005; p. 65.

78 Peixoto, António Maranhão; *"O Litoral de Viana e a sua Arquitetura Militar"*; Viana do Castelo; 2001; p.7.

rior da nova fortificação, recebendo a designação de Santiago, patrono da Coroa Espanhola. Consequentemente, o rei teve de indemnizar os pescadores oferecendo-lhes em troca a actual Capela de Santa Catarina. É então construída, fora do forte não amuralhado e junto ao bairro dos pescadores, uma nova capela dedicada a Santa Catarina. Hoje esta capela situa-se nas proximidades da doca comercial em plena zona da Ribeira, com a fachada principal virada ao mar.

Apenas no final do século XVI, no ano de 1596, é que se dá a conclusão destas obras. Como evidência desta grande modificação está registada numa epígrafe, em castelhano, que apesar de muito apagada, ainda se lê:

> *" FUNDO I/ GUARNECEO ESTE CASTI / LLO EL MAESTRO DE CAMPO PERO / BERMUDEZ DE SANTISSO (...)"*

Com este desenvolvimento das estruturas militares, não é de estranhar que, no reinado de D. João IV, as operações militares não tenham tido grande envergadura. No entanto, *"tornava-se necessário estruturar o dispositivo de defesa da nossa costa e conjugá-lo com outras obras mais pequenas, entretanto construídas, para cruzar fogo e dominar as entradas estratégicas dos Rios"*[79]. Com a Guerra da Restauração houve então uma reestruturação dos dispositivos de defesa. O Forte de Santiago da Barra

> "passou a ser um ponto de fogo que, embora importante, tinha de se conjugar com outros para "varrer" a costa com fogo cruzado. A entrada da barra passou a ser defendida pelo fortim da Senhora das Areias que cruzava fogo com o do Bugio. Por sua vez, S. Tiago cruzava fogo com estes e com o "castrelo velho", para este cruzar com o forte de careço, e assim sucessivamente"[80]

Em vista disso e no sentido de vigiar e defender as populações de possíveis ataques vindos por mar, foram construídas ao longo da costa de Viana do Castelo diversas fortificações. Juntamente com as fortificações de Caminha, Valença e Monção, o Forte de Santiago da Barra é uma das quatro grandes fortalezas em que assentava a defesa do Noroeste português, a qual era complementada por uma rede de pequenos fortes.

---

79 *"Aproveitamento do Castelo de Santiago da Barra para o Turismo e Cultura : Programa Base"*; Comissão Regional de Turismo do Alto Minho; 1986; p. 16

80 *"Aproveitamento do Castelo de Santiago da Barra para o Turismo e Cultura : Programa Base";* Comissão Regional de Turismo do Alto Minho; 1986; p. 16.



"As guaritas (G) correspondem, nos muros, a diferente tipo de alvenarias. Com centro na Torre da Roqueta e arco nas guaritas reconstitui-se um quadilátero, com lados de cerca de 50 metros que poderá representar a muralha sebástica. O centro do muro Norte (P) está no eixo das armas da Torre da Roqueta e assinala, porventura, a antiga porta principal e e saída para a capela de Santa Catarina (C).

O fosso hidráulico (F) e os revelins (R) são acrescentos portugueses ao pentágono Filipino, representado com trama mais clara."[1]

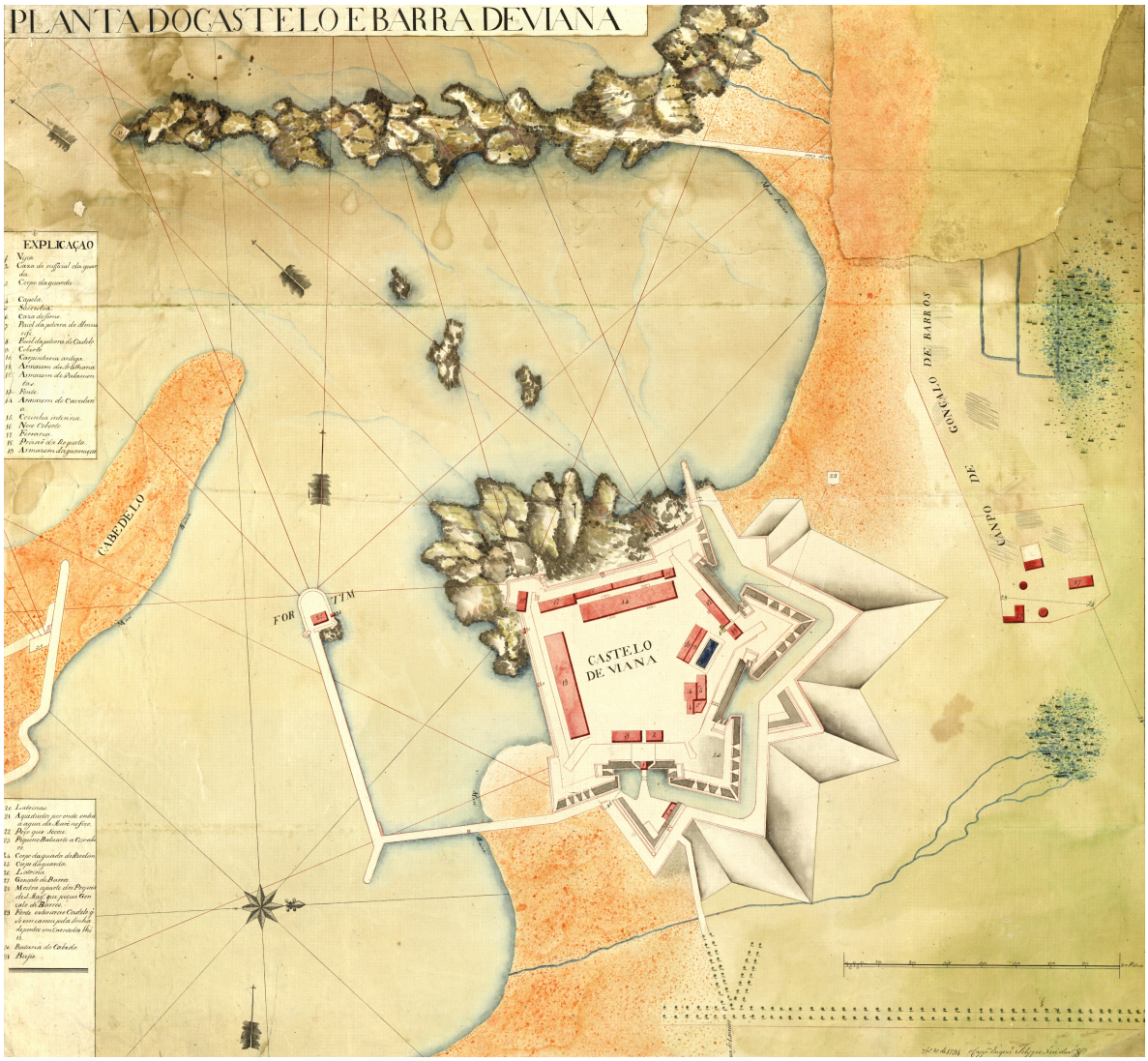
1 Peixoto, António Maranhão, *"O Litoral de Viana e a sua Arquitetura Militar"*; Viana do Castelo; 2001 p. 8

Fig.11 **Pormenor da evolução do Forte de Santiago da Barra**
Fonte: Arquivo Municipal de Viana do Castelo,
Cota 1794_60228F



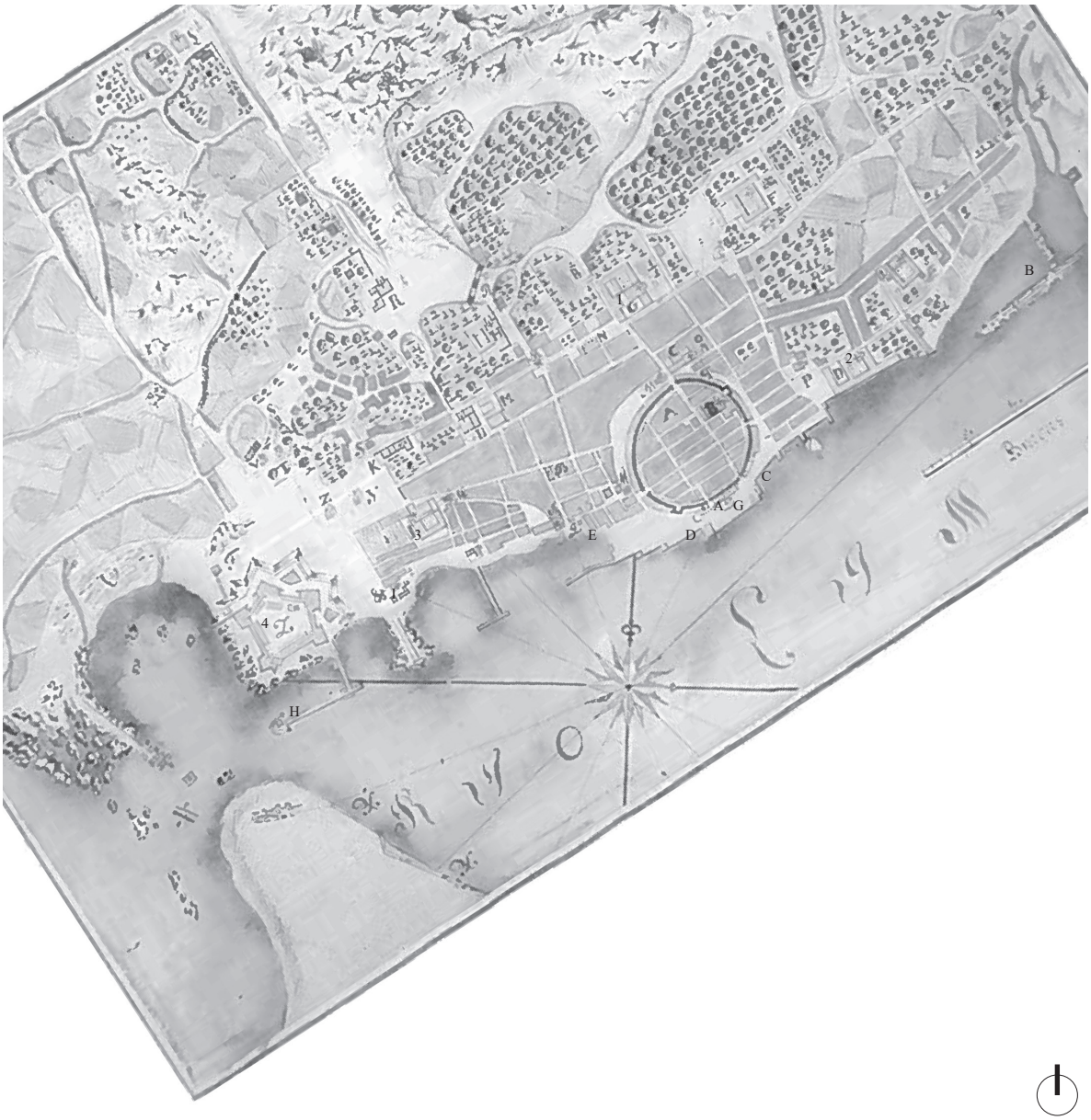
A _ Castello de Vianna
B _ Porta Principal
CC _ Portas Falsas
D _ Baluarte de S. Philippe
E _ Baluarte de S. Pedro
F _ Baluarte de S. Raphael
G _ Baluarte de S. Gabriel
H _ Plataformas de S. Tiago
I _ Roqueta Castrejo antigo
KK _ Cazas matas com seus corredores
L _ Posso
MM _ Revelins que se fizerão de novo
NN _ Fosso prencipiado aquatico
OO _ Fosso por abrir
PP _ Esplanada

Fig.12 **Castelo de Vianna, 1713**
Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal
http://purl.pt/25496



1. Vijia
2. Casa do oficial da guarda
3. Corpo da Guarda
4. Capela
5. Sacristia
6. Casa do forno
7. Paiol da polvora
8. Paiol da pólvora do Castelo
9. Coberto
10. Carpintaria Antiga
11. Armazém da Artilharia
12. Armazém de Palamontas
13. Fonte
14. Armazém de Cavalaria
15. Cozinha interina
16. Novo Coberto
17. Ferraria
18. Prizão da Roqueta
19. Armazém da guarnição
20. Latrinas
21. Aqueduto por onde entra a água da maré no foço
22. Poço que secou
23. Piqueno Baluarte a Cavaleiro
24. Corpo da quarda do Revelim
25. Corpo da Guarda
26. Latrina
27. Gonçalo de Barros
28. Mostra aparte dos proprios des Magº que pecue Gonçalo de Barros
29. Fonte exterior ao Castelo que se encanou pela linha de pontos em Carnados até 13
30. Bataria do Cabedo
31. Bujio

Fig.13 **Planta do Castelo e Barra de Viana, 1794**
Fonte: Arquivo Municipal de Viana do Castelo
cota: 60228F



Representação do século XVII do conjunto de portos e cais da frente ribeirinha de Viana. Após atingido o limite do crescimento para nascente nas azenhas, a expansão deu-se progressivamente para poente, com a construção de cais após cais, tornando a frente ribeirinha uma sucessão de praias, linguetas e cais.

1. Mosteiro de Santa Ana, 1502
2. Mosteiro de S. Bento, 1545
3. Convento de S. Domingos, 1566
4. Forte de Santiago da Barra, séculos XV - XVII

A. Cais da Alfândega / Lingueta do Postigo - século XV
B. Cais de São Bento, século XVI
C. Lingueta das Cales - 1609
D. Cais da Sardinha - 1638
E. Cais do Santo Homem Bom, 1624
F. Cais de S. Lourenço, 1638
G. Alfândega, aterro por ordem do rei
H. Cais do Fortim, 1668
I. Estaleiro de Santa Catarina, século XVI

Fig.14 Planta de Viana, Barra e Castelo, datada de 1756
Fonte: Peixoto, António; *"Litoral e as Cidades: Matizes Cartográficas"*; Viana do Castelo; 2001; p.39

2.3. A TRANSFORMAÇÃO DA FRENTE RIBEIRINHA DE VIANA

2.3.1. O apogeu do desenvolvimento económico e a transformação das instalações portuárias

No século XVII as obras do porto de mar da vila de Viana progridem de modo bastante significativo, com um crescimento exponencial face ao século anterior. Imediatamente no dobrar da centúria, em 1604, no terreno nas imediações da Alfândega, o cais deste mesmo nome, já existente há diversos séculos na paisagem fluvial da vila, vai ser ampliado. Frei Luís de Sousa descreve-o, em 1619, como uma

> "grande e estendido cais de grossa cantaria, altamente fundado e terraplenado, com as suas descidas de escadas e linguetas", mas que, então, ainda mal conseguira "despegar dos muros". Já fizera, porém, o avanço e o recuo em relação ao rio, de modo a formar "ua boa praça", e um bom abrigo por ele qualificado como "um reduto capaz de grande número de navios, estância segurís-sima de todos os ventos" nomeadamente dos "ventos travessias"[81]

Parece-nos que terá sido nesta altura que se terá sido ampliado e nivelado a zona sul da alfândega. Ao realizar tal acto tornou-se num espaço de chegada não só com mais espaço como também com maior condições, qualidade e uma maior organização espacial, onde este meio de entrada da vila já merecia há diversos séculos. Os sucessivos trabalhos de ampliação, quer para nascente quer para poente, foram então ganhando as suas respetivas funcionalidades.No total passaram a existir três linguetas: a nascente, a das Cales, construída em 1609, para as embarcações que vinham de Ponte de Lima e "onde pudessem *"servir o breu e a graixa aos ditos navios"*[82]; ao centro, a lingueta comercial, de 1610; e a poente, a do peixe, de 1638. Esta última passou a ser designada por Cais da Sardinha, muito provavelmente localizada aqui, porque o mercado do peixe situava-se no extremo poente da muralha,

81 Peixoto, António Maranhão; *"O Litoral de Viana e a sua Arquitetura Militar"*; Viana do Castelo; 2001; p. 10.
82 Moreira, Manuel António Fernandes; *"O Porto de Viana do Castelo na Época dos Descobrimentos"*; Viana do Castelo; 1989; p.16.

adjacente ao rio, já desde o século XV.

Ainda no reinado de D. Filipe II (1578-1621), aquando a construção do Forte de Santiago da Barra, este mandou construir um cais de modo a que a fortificação se tornasse auto-suficiente. Com o *Antigo Cais* presumidamente já construído, supomos que o cais construído seria então o Cais do Fortim. A sul da fortificação, em forma de L acolhe assim as embarcações e liga-as quase que diretamente com o forte.

No que diz respeito à história é no final da época de quinhentos e meados do século XVII que temos o testemunho de Frei Luís de Sousa. O autor aponta que, em 1619, Viana era uma:

> "vila das mais insignes do Reino, e explica remontando a cinquenta anos atrás, isto é, aos anos '60 do século XVI, para dizer que desde então Viana passou a ser "terra cheia de gente rica e mui nobre, de grande trato e comércio, por ca parte com as conquistas de Portugal, Ilhas e terras novas do Brasil;"[83] "por outra, com França e Flandres, Inglaterra e Alemanha, donde e pera onde recebia de ordinário muitos géneros de mercadorias e despedia outras; pera os quais tratos traziam os moradores no mar grande número de naus e caravelas, com grossas despesas a que respondiam iguais retornos e proveitos"[84].

Nesta época Viana era a segunda vila, no norte do reino, com mais pessoas ligada às atividades marítimas matriculada, logo a seguir ao Porto. O mesmo autor correlaciona ainda a vila de Viana, um tanto exageradamente, com Lisboa no mesmo século. Indicando também que os vianenses substituíram a pesca pelo tráfico e

> "havendo oitenta barcas de pescadores naturais, cinquenta anos atrás [i.e., por 1560], que se contentavam com o pão de cada dia, ganhando com pouco suor nas pescarias de perto e ao longo da costa, hoje (1619) não há nenhũa, deixando todos animosamente a pobreza das redes e a segurança das praias polas esperanças e perigos do alto". E a "navegação e mercancia" vianenses estendiam-se então "a todas as províncias do Norte e às ilhas e conquistas de Portugal", com predomínio para o comércio "das terras novas do Brasil", que lhe mantinha permanentemente no mar setenta navios. Devido a este tráfico, "a terra está", diz Sousa, mociça de riqueza". E que, dos lugares vizinhos pobres "acodem a prover o povo" por troca com as mercadorias vindas do Brasil, e "todas as nações do Norte" para aqui trazem "grande cópia de mercadorias de toda a sorte e muito pão"[85]

83 Abreu , Alberto Antunes de; *"História de Viana do Castelo"*; Volume II; Tomo 1; Viana do Castelo, 2008-2009; p.134.

84 Sousa, Frei Luís de; *"A Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires"*; Lisboa; 1984; p.117.

85 Abreu , Alberto Antunes de; "*História de Viana do Castelo"*; Volume II; Tomo 1; Viana do Castelo, 2008-2009; p.135.

Informa-nos de facto que *"não só Viana, mas toda a terra de Entre Douro e Minho é uma feira contínua de comprar e vender e embarcar e mercadejar, a gente toda trabalhadora e negoceadora da vida"*. Tal poderá explicar também a construção da Capela do Santo Homem Bom, patrono dos alfaiates, dos costureiros e dos comerciantes de tecido. Viana como um foco essencial no comércio português efetuava também a importação de panos, daí a presumível origem desta capela, na frente rio, entre a zona da ribeira e o núcleo medieval.

Com todo este movimento conseguimos imaginar que seria necessário um porto seguro e sólido onde a sua estrutura fosse perdurável e não as soluções rudimentares até então utilizadas. Não só isto como também começa a sentir-se uma necessidade crescente na organização do espaço portuário de modo a facilitar o quotidiano de todo o sector marítimo, e será este o caminho que a vila de Viana irá percorrer. Podemos deduzir e perceber a imprescindibilidade de construir linguetas e cais neste séculos e nos seguintes.

Não obstante esta história de crescimento e diversos acontecimentos, foi precisamente com o comércio do açúcar do Brasil que a vila de Viana alcançou o apogeu económico e social. E assim, a meados do século XVII, por volta de 1630, D. Filipe III concede meios financeiros para as instalações portuárias serem ampliadas. A abundante atividade marítimo-comercial instigou a construção de um *novo* cais, *"que se prolongava do Pombal à Casa da Dízima do Marquês, que constituiu motivo de orgulho dos vianenses e recebeu rasgados elogios"*[86].

Em 1638 constrói-se o Cais de S. Lourenço na margem esquerda do rio, *"q se fizesse hum desembarcadouro pera as pesoas desembarcarem em acomodidade"*[87]. Nem dez anos mais tarde, em 1647, chega à vila a permissão para a construção do Cais de S. Bento, *"hum cays no rio Lima de fronte do Mosteyro de Sam Bento das relegiosas"*[88]. O mesmo autor, Amândio J. Morais Barros, ainda nos informa:

86 Abreu , Alberto Antunes de; *"Para a História de Viana do Castelo I"*; Viana do Castelo, 2004-2007; p.170.

87 Barros, Amândio J. Morais; *"O Porto de Viana e a Construção do Cais da Alfândega (1631-1633)"*; Revista da Faculd1ade de Letras, Porto, III Série, vol. 7, 2006, p. 140.

88 Barros, Amândio J. Morais; *"O Porto de Viana e a Construção do Cais da Alfândega (1631-1633)"*; Revista da Faculd1ade de Letras, Porto, III Série, vol. 7, 2006, p. 141.

> "Como se pode constatar, trata-se de uma estrutura complexa, extensa e organizada, particularmente com a regularização da margem, dotada de molhes bem visíveis na gravura, e o paredão do cais, em L, apto a acolher navios de diferente lotação"[89]

No documento cartográfico de 1756, podemos verificar o quão extenso este cais seria em comparação com os outros. No documento da Corografia Portuguesa, no Tratado III, assinala no dobrar do século XVII a existência de um cais de pedra,

> "Tem hum caes de pedraria , que começa no fim da Villa no sitio, que chamão o Papanata, & acaba junto da barra no mar largo, co hum reducto no fim, aonde se vão recrear os moradores. Tem na boca da barra huma inexpugnavel fortaleza, respeitada das Naçoens estrangeiras, com hum letreiro na porta, que diz: Todo o mundo me tem cá, co só o tempo me vencerá:" " na capacidade de seu porto, que chegou a ter mais de cem navios proprios, que navegavaõa diversas partes. Goza de voto em Cortes com assento no banco quinto, & tem por Armas huma Náo."[90]

Assim, neste século as estacaria e estruturas de madeira deram lugar a uma edificação em pedra. Tais obras permitiram, muito provavelmente, a entrada de navios de maior porte na zona franca de Viana, para além das pequenas embarcações de pesca e navios comerciais.

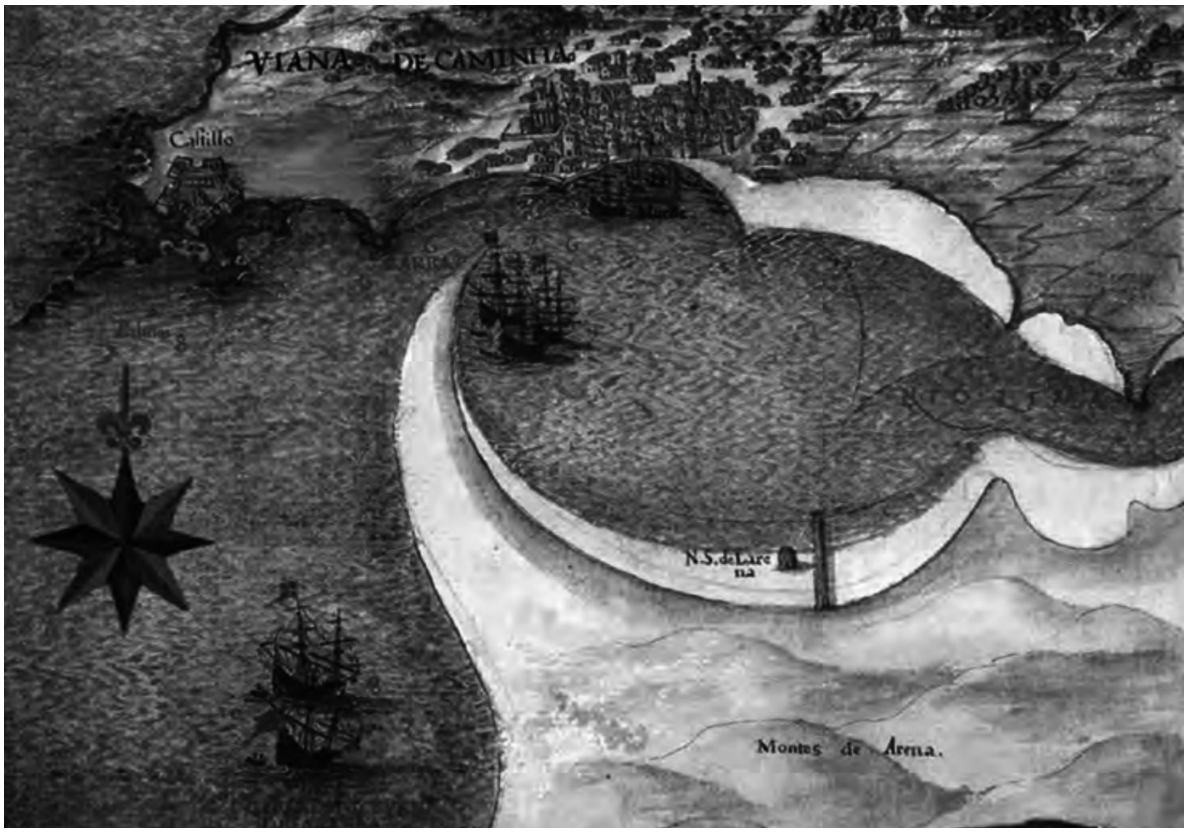
Considerando a dificuldade em entrar na barra de Viana, no século XV já teriam sido colocadas sinalizações no local de modo a indicar o corredor navegável, auxiliando assim os pilotos nas manobras que teriam de fazer para poderem entrar sem complicações no rio Lima.

Veronika Youkes, na sua obra entitulado *"Os Flamengos no Noroeste de Portugal (1620-1670)"*, ajuda-nos a perceber a dificuldade que era entrar na barra de Viana. A autora trasncreve a explicação do cartógrafo holandês Willem Janszoon Blaeu que ilucida aos mestres como entrar na barra da vila de Viana:

> "A costa de Portugal, à volta de Viana, é fácil de reconhecer, graças ao dito monte S. Rego, que é muito alto, e que se encontra do lado do mar. A terra alta de Viana encontra-se por trás desta, ao dobra e tresdobro (de distância).
>
> Cinco milhas ao sul de Caminha situa-se Viana, na foz dum rio. Do canto norte começa um recife de pedras, que atravessa a boca da foz do rio. Há dois faróis na margem sul. Quem quiser entrar nesta barra, vindo do norte ou do mar, continuando (algum tempo) em direcção a sul, até que estes dois faróis na margem sul parecem encontrar-se na mesma linha (e um encobre o outro); dirige o navio então para a praia até chegar ao ponto onde a torre, que se situa na margem norte, fica alinhada com as duas casas; mantem-as alinhadas, vira-se para o escolho com o mastro, e

89 Barros, Amândio J. Morais; *"O Porto de Viana e a Construção do Cais da Alfândega (1631-1633)"*; Revista da Faculd1ade de Letras, Porto, III Série, vol. 7, 2006, p. 141.

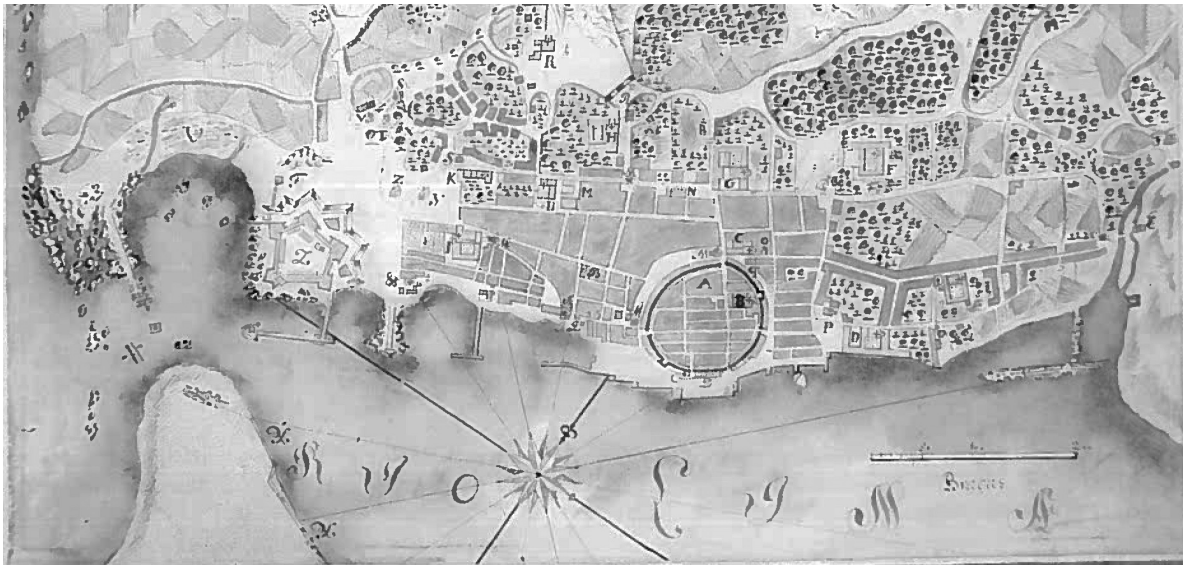
90 Costa, Pe.Antonio Carvalho, Corografia Portuguesa , Tratado III, Comarca de Viana, 1715; p.208.



Neste documento podemos observar, de um modo geral, Viana no século XVII. No canto inferior esquerdo, a sul da vila, vemos onde os barcos de grande porte teriam de esperar até a maré subir para entrarem na barra. Distinguimos mais dois tipos de barcos já no interior do rio. Um de grande porte que se encontra junto ao cabedelo. Note-se que foi no século anterior, em 1561, que se foi ordenada a atracagem na margem esquera, junto da capela de S. Lourenço. Mas podemos ver que, mesmo assim, os barcos de menor porte atracariam ainda na margem direita. Todavia, nesta imagem não conseguimos observar nenhuma informação relativa a estaleiros e ao suposto estaleiro de S. Bento que já estaria em funcionamento há um século.

Fig.15 Pormenor do porto de Viana e foz do Rilo Lima no atlas de Pedro Teixeira, 1634
Fonte: https://academia.marinha.pt/pt/academiademarinha/Edies/Memorias%202008_NET.pdf





Como podemos observar nestes dois documentos a barra de Viana era bastante difícil de entrar. Excessivamente rochosa e cheia de recifes para sul e com a língua do Cabedelo para norte, esta tornara-se extremamente estreita. As manobras de navegação teriam de ser precisas e complexas até a embarcaão conseguir chegar a um dos cais da vila.

Fig.16 **Die Zee Caerte van Portugal, 1586**
Fonte: https://www.sanderusmaps.com/en/our-catalogue/detail/166631/antique-map-sea-chart-of-portugal-by-lj-waghenaer/

Fig.17 **Planta de Viana, Barra e Castelo, 1756**
Fonte: Peixoto, António; "Litoral e as cidades: Matizes cartográficas"; Viana do Castelo; 2001; p.39

passa-o de perto, do lado este. Assim vai passando a parte mais seca onde a água diariamente tem dois "vadem" de profundidade com a baixa-mar . Uma vez, que tem este escolho com mastro atrás de si, vai descobrir outro com mastro ou baliza, na sua frente, do lado norte do rio. Contorne este igualmente de perto, e do lado sul. Depois alongue a margem direita até atingir a altura da cidade. Cuidado, porque, aí, um recife pequeno pode incomodá-lo. Evite-o, aproximando o navio da cidade. Uma vez em frente da cidadinha, verá uma ilha pequena com uma capelinha, a sul de si. Ao oeste desta ilha, há um banco grande, que aparece com a maré-baixa. Atrás dele a profundidade é de cinco até seis "vadem", em frente de Viana de sete até nove "vadem ". Quem quiser entrar no porto, contorne este banco do lado sul para aproximar-se da cidade, perto da ilha com a casinha (sic).

Quando chegar até à distância dum tiro de seta do segundo escolho com mastro, pode ancorar e estabilizar o navio com quatro cordas à margem sul.

Em frente da enseada pode contar com doze "vadem ". É o sítio ideal para fazer entrar um piloto. A barra é estreita e perigosa para entrar."[91]

Segundo Veronika Joukes, em Portugal continental, *"era Viana de Castelo que tinha, ao lado de Lisboa e do Porto, o maior estaleiro, no século XVII"*[92]. Sabemos que neste século Viana dispunha então de dois estaleiros. O primeiro estaleiro da vila, já mencionado, funcionava junto do Convento de S. Bento mas que não tinha condições para construir grandes embarcações. No século XVII, constrói-se a capela de Santa Catarina e mais tarde, a meados do século, também os novos estaleiros que ficavam situados junto desta mesma capela[93]. O surgimento deste novo estaleiro, em meados do século, poderá ter-se devido, não só por causa das queixas apresentadas pelas religiosas, como também pelo aparecimento de mestres de construção de navios nesta época[94].

Esta evolução gradual das atividades para além dos benefícios económico trouxe consequências graves ao quotidiano do sector marítimo. Mesmo sabendo *a priori* as dificuldades de navegação no rio, os vianenses nunca se deixaram afetar por tal espaço. A época de Seiscentos ficou marcado por uma crise climática que se fez sentir, os invernos ficaram extremamente frios e o verões muito quentes, contribuindo para o assoreamento da barra e o avanço das dunas litorais.[95] Não só isto como também o abate de árvores, que deu origem a queimadas, para abrir campos para o gado, resultou no progressivo assoreamento da margem

91 Joukes, Veronika; *"Os Flamengos no Noroeste de Portugal (1620 - 1670)"*; Porto; 1999; p. 73.
92 Joukes, Veronika; *"Os Flamengos no Noroeste de Portugal (1620 - 1670)"* Porto; 1999; p. 78.
93 Joukes, Veronika; *"Os Flamengos no Noroeste de Portugal (1620 - 1670)"*; Porto; 1999; p. 78.
94 Moreira, Manuel; *"O Porto de Viana do Castelo na Época dos Descobrimentos"*; Viana do Castelo; 1989; p. 28
95 Peixoto, António Maranhão; *"O Litoral e a Cidade: Matizes Cartográficas"*; Viana do Castelo, 2001; p. 10

do rio. Os detritos arrastados pelos regos e ribeiras desaguaram no rio Lima, desenrolando-se gravemente o assoreando e do curso em direção à foz, dificultando ainda mais a navegação das embarcações.

No final deste século, com o retomar do crescimento portuário, com a exportação de vinhos para o norte da Europa e com o ouro proveniente do Brasil, os navios foram então obrigados a descarregar fora da barra, incluindo também as embarcações que vinham cheias de açúcar do Brasil. Com a profundidade da margem direita do rio sempre a diminuir, a única solução encontrada para manter as atividades em funcionamento foi deslocar, em fins do século XVII, o cais portuário para a margem esquerda. Deste modo, D. Pedro II (1683 - 1706) autorizou a construção do Cais do Cabedelo, *"a jusante do Cais novo, com ancoradouro construído pelo engenheiro militar Miguel de Lescol"*[96]. Infelizmente, em consequência destas eventualidades, o porto de Viana inicia uma fase de gradual decadência e "*Viana marítima regressava à situação que vivera na longínqua Idade Média em que não passava duma póvoa piscatória"*[97].

Em suma, de acordo com a toda informação já analisada e descrita, podemos perceber que na frente da vila desenvolveram-se vários cais, desde o Convento de S. Bento até ao Forte de Santiago da Barra, embora que subdividido por diversos cais de menor dimensão e diversas funções também já mencionadas. Com todas as construções que foram efetuadas,

a frente fluvial começa a apresentar características mais artificiais, onde outrora se protagonizava pelo seu estado natural.

96 Peixoto, António Maranhão; *"O Litoral e a Cidade: Matizes Cartográficas"*; Viana do Castelo, 2001; p. 11

97 Abreu , Alberto Antunes de; *"Para a História de Viana do Castelo I"*; Viana do Castelo, 2004-2007; p.174.

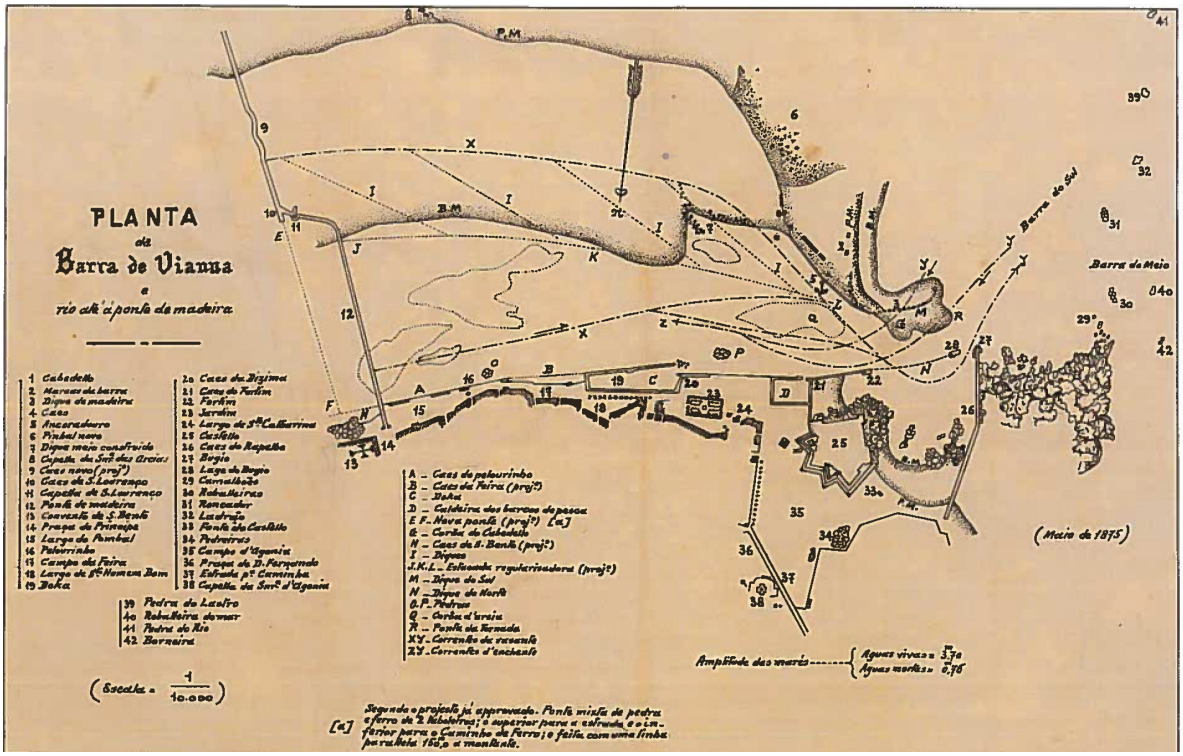


Fig.18 **Planta da Barra de Viana e rio até à ponte de madeira, 1875**
Fonte: Peixoto, António Maranhão; *"O litoral e a cidade: Matizes Cartográficas"*; Viana do Castelo, 2001; p.93

2.4. A estagnação da vila de Viana e posterior consolidação da cidade (XVIII-XIX)

2.4.1. A estagnação do ofício da vila

Nos finais do século XVII, o crescimento portuário que se deu teve essencialmente como origem a exportação de vinhos para o Norte da Europa e da afluência do ouro do Brasil. Os vinhos do Lima tiveram sucesso principalmente em Inglaterra no entanto, segundo Conceição Martins[98], em 1776 Pombal proíbe a exportação de vinhos de todos os portos excepto o do Porto, incluindo então a exportação dos vinhos que se fazia de Viana. Não só isto como também o ouro proveniente do Brasil começa a diminuir. A vila sofre uma certa estagnação,

> "a nível das estruturas viárias estas parecem estar estagnadas e envelhecidas, as ruas pouco mais eram daquelas que verificamos no final do século XVI, sendo as praças exatamente as mesmas. Com uma Câmara sem dinheiro os serviços também se mantêm inalteráveis"[99]

Com o porto de mar, desde fins do século XVII, na margem esquerda e com o enfraquecimento da atividade marítima a vila sofreu uma certa quebra na sua economia. O comércio parece ter abrandado,

> "Nem porto nem exportação, mas um setor comercial. Este, porém, induzido pelas necessidades dum hinterland rural necessitado de manufacturas e que escassamente fornecia em troca ovos, carne, manteiga, bragal e vinho verde para consumo diário."[100]

No entanto, nos finais do século XVIII a vila relança-se na pesca, havendo assim um renascimento do comércio neste domínio.

98 Martins , Conceição Andrade; *"Os Ciclos do Vinho do Porto: Ensaio de Periodização";* Análise Social, vol. XXIV (100), 1988 (1.°); p. 402.

99 Reis, Hugo; *"Evolução da estrutura urbana de Viana do Castelo"*; Porto; 2008; p.44.

100 Abreu , Alberto Antunes de; *"Para a História de Viana do Castelo II"*; Viana do Castelo, 2004-2007; p.99.

2.4.2. Igreja de Nossa Senhora da Agonia

No segundo e terceiro quartel do século é iniciada a construção da Igreja de Nossa Senhora da Agonia. A sua origem remonta o século XVII, quando foi construída uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Conceição, no extremo norte do Campo do Castelo. Perto desta ermida, em 1623 instala-se a capela de S. Roque. Nas proximidades, em 1674, é construída uma capela sob a invocação de Bom Jesus do Santo Sepulcro do Calvário. Posteriormente, em 1696, já era chamada de Bom Jesus da Via Sacra. Nem dez anos depois desta mudança de nome, a capela é referida como de Nossa Senhora da Soledade. A meados do século a invocação desta capela volta a mudar e é agora a de Nossa Senhora da Agonia, nome que se mantém até aos dias de hoje. Uma invocação bastante apropriada devido à agonia dos mareantes e nas suas lutas contra o mar.

Objeto de grande devoção principalmente entre a classe piscatória da vila de Viana no século seguinte, em 1824, Bento José Alves reedifica totalmente a ermida. Esta sofre uma ampliação e em 1858 o terreno é alargado para incluir a atual escadaria frontal[101].

É impossível falar no santuário e não mencionar a romaria associada à Nossa Senhora. Hoje, Nossa Senhora da Agonia, padroeira dos pescadores, está associada à maior romaria a nível nacional e às tradições que a envolvem. Aquando a mudança da invocação da ermida, no século XVIII, foi formada esta romaria nascida da devoção dos homens do mar vindos de todo o território litoral português e da Galiza, realizando-se assim celebrações que ainda hoje são repetidas anualmente na semana do feriado municipal da cidade, 20 de agosto. Com o passar dos séculos a romaria deixa de estar confinada ao Campo da Agonia e estende-se por toda a cidade de Viana do Castelo.

101 Beirão, Joaquim Gonçalves Gomes; *"Santuário de Nossa Senhora da Agonia"*; Viana do castelo; 1972; p.3.

2.4.3. Obras públicas relevantes de Viana do Castelo no século XIX

A meados do século XIX instalaram-se na Ribeira alguns galegos e reforcou-se assim a classe piscatória, prosperando a pesca artesanal em Viana do Castelo[102]. No entanto, a atividade marítima acaba por decair progressivamente devido, outra vez, ao assoreamento da barra. Foram projetados planos, como conseguimos ver pela quantidade de desenhos que se encontram nos arquivos, feitos neste século.

No início do século XIX começa a ser pensada a construção de uma ponte que ligasse as duas margens do rio, no entanto esta só começa a ser realizada entre 1818 e 1820. De acordo com Mário Gonçalves Fernandes[103] a travessia neste local já se fazia através da *Barca do Concelho* no entanto, programada a construção de uma ponte de pedra para meados do século, foi então construída uma ponte de madeira provisória[104].

> "Esta ponte nascia em Viana no Cais de S. Bento, onde outrora se construíram naus e corria em linha perpendicular à corrente do rio até atingir o areal da outra margem. Ali obliquava para S. E. indo passar pela frente da capelinha de S. Lourenço, obliquava outra vez paralelamente ao primeiro troço e ia encabar no cais de pedra de que ainda se vêem ruinas."[105]

Esta ponte de madeira, com duas colunas de pedra que marcavam a entrada no lado direito da margem, ligava a praça do Príncipe ao cais de S. Lourenço, na margem esquerda. Ainda que não sendo completamente rectilínea *"tem, desde o cais da margem direita até ao cunhal da primeira casa sita no Cais Novo, à margem esquerda no mesmo rio, 1.111 metros"*[106].

Em meados do século, no ano de 1848, D. Maria II eleva a vila de Viana a cidade, chamando-lhe Viana do Castelo. Muito provavelmente por isso vemos uma designação diferente do Campo de Forno, a partir deste século, passando a designar-se como Praça da Rainha, e

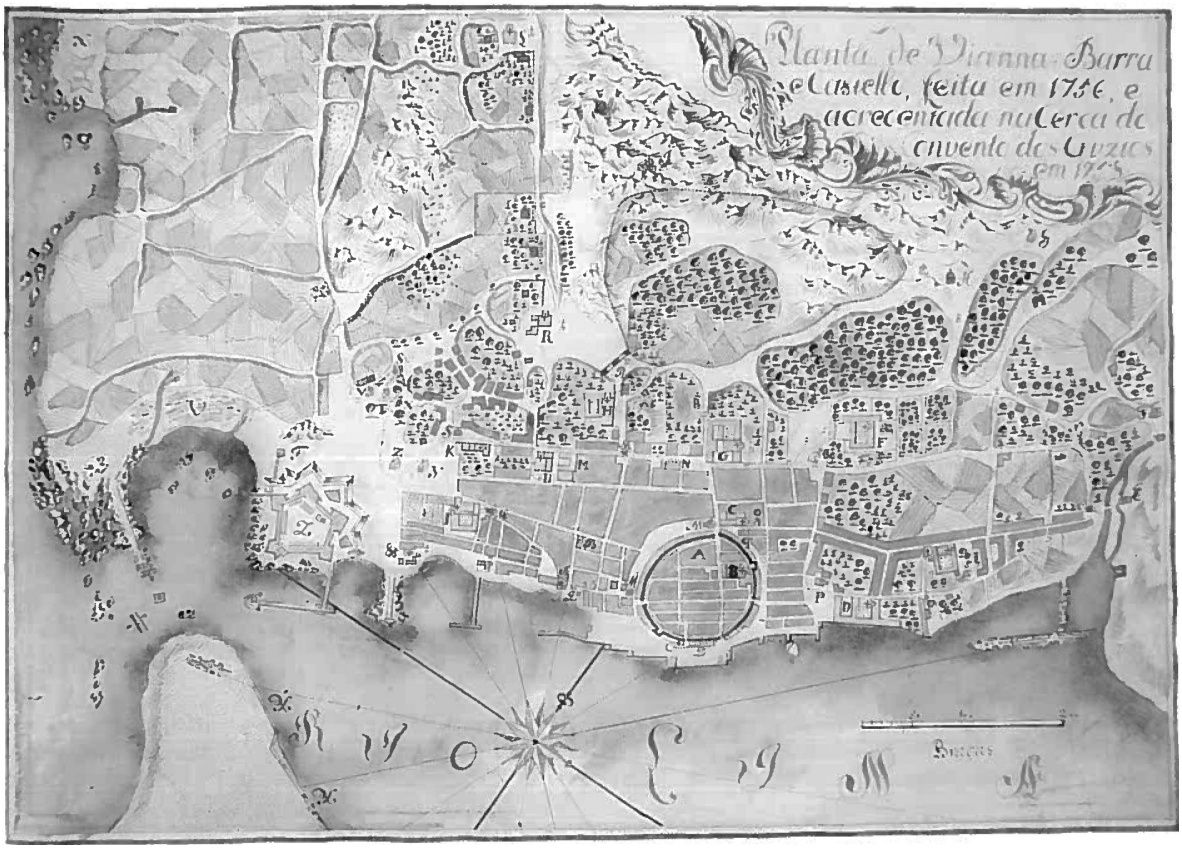
102 Peixoto, António Maranhão; *"O Litoral e a Cidade: Matizes Cartográficas";* Viana do Castelo, 2001; p.12.

103 Fernandes, Mário Gonçalves; *"Viana do Castelo: obras públicas e evolução do espaço urbano (1855—1926)"*; in Revista da Faculdade de Letras — Geografia I; Vol. VIII, Porto, 1992, p. 94.

104 A ponte de pedra não chegou a ser construída devido às preocupações do constante assoreamento do rio Lima.

105 Faria, Rui Alberto; *"A Travessia do Rio Lima em Viana do Castelo: nos 140 anos da Ponte Eiffel"*; Viana do Castelo; 2018; p.11.

106 Faria, Rui Alberto; *"A Travessia do Rio Lima em Viana do Castelo: nos 140 anos da Ponte Eiffel"*; Viana do Castelo; 2018; p.11.



Numa primeira análise à Carta Cadastral da Cidade de Viana do Castelo elaborada por Augusto Gerardo Teles Ferreira e Emílio Vidigal Salgado entre 1868 e 1869, *"encomendada pela Câmara Municipal de Viana do Castelo para, expressamente, servir de base à elaboração do plano de melhoramentos da cidade"*(Fernandes, Mário Gonçalves; "Urbanismo e Morfologia Urbana no Norte de Portugal - Volume 1"; Porto; 2001; v.1; p.96), podemos ler, logo de inicio, as diferentes texturas que nos são apresentadas dos diferentes elementos naturais. Prontamente conseguimos notar uma grande diferença entre o passado e o presente. No século XIX haveria então uma maior abundância de areias e rochedos no rio, na foz do Rio Lima, do que nos dias de hoje. A paisagem neste local, na envolvente do Forte de Santiago da Barra, que agora é amparado pelos edifícios das docas, estaleiros navais e de mais monumentos, um local desenhado e projectado, em tempos passado era composto por areias e grande extensões de rochedos. Não só neste local mas na continuação da linha dos cais, para Nascente, tínhamos pequenas formações de rochas encostadas à linha de construído e também pequenos areais. Nesta base podemos citar o que hoje os populares da região designam de "roubo ao rio" para construção e edificação.

Já no litoral, à beira-mar, hoje construído de acordo com um novo plano urbano para satisfazer as necessidades e o proporcionar maior lazer à população, em séculos passados encontravam-se camboas. Covas à beira-mar onde, durante as marés cheias, o peixe miúdo entraria e assim ficaria retido aquando as marés baixas.

Fig.19 Planta de Viana, Barra e Castelo, datada de 1756
Fonte: Peixoto, António; *"Litoral e as Cidades: Matizes Cartográficas"*; Viana do Castelo; 2001; p.39.

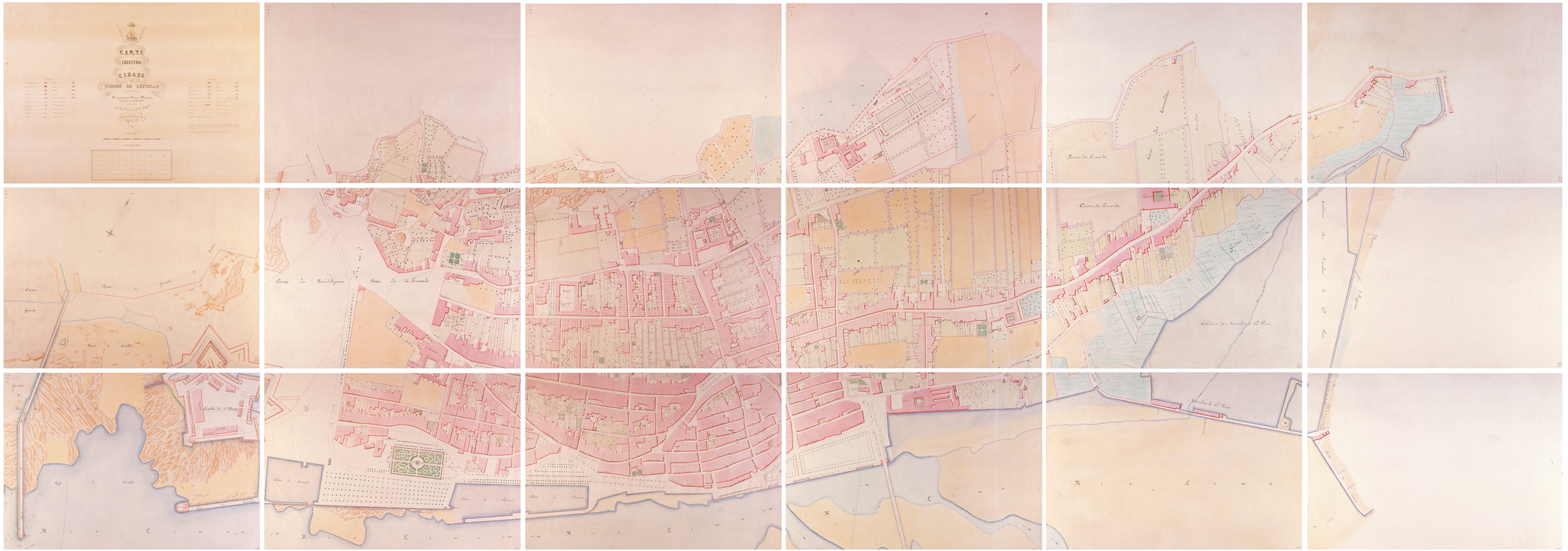


Fig.20 **Levantamento da Cidade (18 peças). Carta Cadastral da Cidade de Viana do Castelo, levantada em 1868 e 1869**
Fonte: Arquivo Municipal de Viana do Castelo

atualmente Praça da República.

Um século virado para novas construções, nos finais do século XVIII, na agora cidade de Viana do Castelo, em 1878, é inaugurada não só a Ponte Eiffel como também iniciada a construção da estação de comboios.

Dois anos depois, em 1880, começa a construção do Mercado Municipal, junto do Jardim da Marginal, onde outrora era parte do Convento de S. Bento.

> "A feira estendia-se desde o Cais da Feira até ao Largo do Postigo (Largo 5 de Outubro) e Stº Homem Bom (atual Largo Vasco da Gama). Transferência deste para o Largo do Príncipe, junto do Convento de S. Bento, de modo a ajardinar o Largo do Pombal tornando-o num espaço marginal de lazer da cidade"[107]

Segundo António Carvalho[108] a feira semanal tinha já uma dimensão considerável sendo então transferida para este novo edifício.

2.4.4. O desenho da frente fluvial - análise dos documentos cartográficos do século XVIII e XIX

De modo a perceber a evolução da cidade do século XVIII recorrendo à *Planta de Vianna*, que surge em 1756, e comparando-a à Carta Cartográfica de 1868/1869 é possível observar que a estrutura do plano urbano não sofreu muitas alterações, supondo-se assim um abrandamento no crescimento durante este intervalo de tempo. No entanto, o que se distingue claramente é a grande transformação da frente fluvial da vila de Viana. Sabendo, como já vimos, que entre estes séculos foram essencialmente construídos edifícios e espaços com carácter público conseguimos perceber que grande parte da frente fluvial ganha agora também uma vertente lúdica. Sem embargo, continuamos a ter os cais que já existiam no entanto agora em forma de docas, com um desenho mais regular e organizador do espaço.

107 Carvalho, António; *"Mercados e Feiras" in "Acontecimentos que Viana Sentiu"*. Viana do Castelo:Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, Viana do Castelo; 2005; p.88.

108 Carvalho, António; "*Mercados e Feiras" in "Acontecimentos que Viana Sentiu*". Viana do Castelo:Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, Viana do Castelo; 2005; p.88.

Colmatando estas bacias artificiais com novos jardins públicos, construídos essencialmente em meados do século XIX.

É então nesta época que vemos uma reorganização da margem fluvial. Tal conseguimos não só observar nos documentos em questão como também nos testemunhos de diversos autores que relatam a progressiva reestruturação desta margem do rio Lima.

Em 1846, segundo António Carvalho[109], é feito no aterro do Cais da Dízima o primeiro jardim de Viana. Isto posto, o aterro deste cais é então de data anterior, que não nos é possível obter. De acordo com o autor, este jardim não seria muito frequentado devido à sua exposição ao vento.

Em 1882, é apresentado um projeto para a construção e aterro da zona compreendida entre o Cais da Dízima, mencionado anteriormente, e o Largo do Pombal, este último situado a poente da ponte de madeira. Estas obras permitiram que o Largo do Postigo, adjacente à porta da muralha com o mesmo nome, e o Largo do Pombal formassem um único espaço, bastante mais amplo e regular. Com a ponte de madeira, que já existia desde o início do século, podemos imaginar que com esta nova entrada para a cidade o espaço envolvente necessitaria de ser reformulado, visto que antes era onde funcionavam os Estaleiros de S. Bento, local muito provavelmente não agradável como porta da cidade.

A partir de 1882 é desenhada e construída a frente fluvial, do Largo do Pombal até à ponte Eiffel. Com o aterro da margem do rio até à Ponte Eiffel, a sul do Convento de S. Bento, estas obras permitiram a construção de uma nova rua na frente fluvial paralela ao rio. A demolição deste edifício monástico proporcionou a construção dos edifícios que formam hoje a frente fluvial desta zona. Algumas décadas depois, em 1911, com o constante crescimento da cidade, surge a ideia de ampliar o jardim, que existia a poente da ponte de madeira. Prolongando-o para nascente até à Ponte Eiffel formou-se assim o *Passeio Público*, que ainda hoje existe na paisagem fluvial da cidade. A cidade encontrava-se em constante crescimento

109 Carvalho, António; "*Mercados e Feiras" in "Acontecimentos que Viana Sentiu*". Viana do Castelo:Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, Viana do Castelo; 2005; p.145.

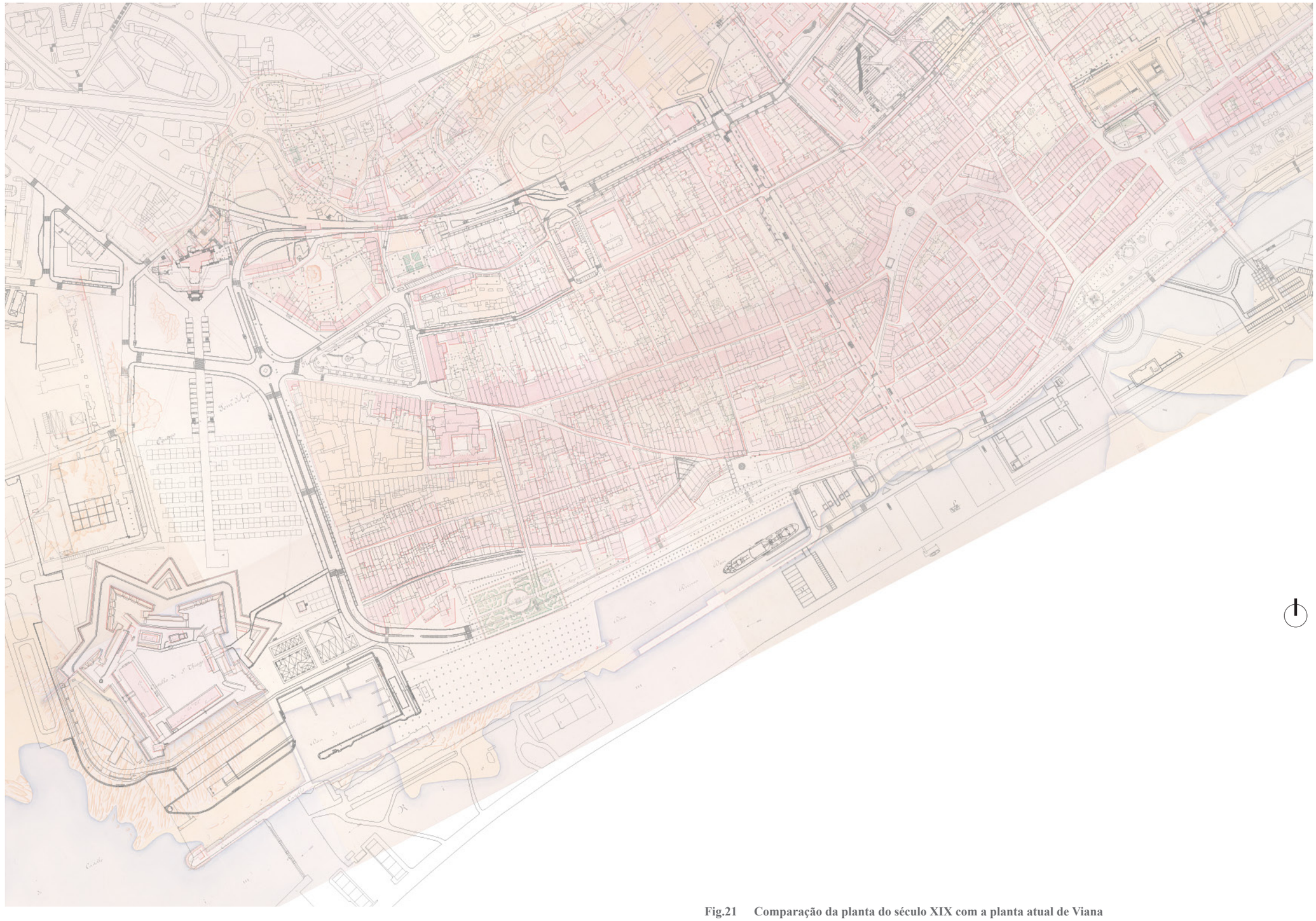


Fig.21 **Comparação da planta do século XIX com a planta atual de Viana**

e o jardim tornara-se pequeno para a quantidade de pessoas que dele usufruem.

Ao longo dos anos vão surgindo novos espaços verdes de lazer dispersos pela cidade. Dez anos depois, em1890, é construído o Jardim D. Fernando no antigo campo da Penha. Com um formato triangular, a rematar com a forma dos quarteirões dos edifícios que já existiam, este jardim ainda hoje apresenta o seu desenho original.

Colocando lado a lado os documentos dos diferentes séculos podemos logo distinguir o que se manteve e o que mudou na estrutura urbana de Viana do Castelo. Podemos dizer que, de um modo geral a estrutura base manteve-se semelhante, com os mesmos eixos viários e o espaço edificado. Assim, em termos de ruas e edificado, pouco foi alterado até este século. Conseguimos contar o número de quarteirões e as suas disposições nas cartas. O que podemos constatar entre os documentos do século XVIII e os do século XIX é que o último apresenta um maior grau de geometrização e organização. No entanto, tal facto, deve-se à evolução nos métodos de representação científica e desenho durante os tempos. É interessante notar que os quarteirões são organizados por pareclas estreitas e longas e fogos compridos. As traseiras de cada casa tem um logradouro, com a sua respetiva horta ou jardim cuidadosamente dividida e separada dos vizinhos por limites firmes e bem evidentes. Cada quarteirão forma assim um núcleo verde que se mantém, embora que mais pequeno, até aos dias de hoje.

Já se nota uma evolução na malha da cidade, quase toda a frente rio sofreu mudanças. O que antes era uma sequência sucessiva de diversos cais, no século XIX esta frente é desenhada de modo bastante cuidadoso. Alguns dos cais, como o cais do Castelo, sendo agora chamado de doca do Castelo, o cais do Rapelho, que regressa ao nome anterior de Bugio e o cais da Dízima, sendo que agora mais extenso, permaneceram durante os tempos, embora possuindo um desenho mais claro e geométrico. O cais de S. Bento deixa de existir dando lugar ao Jardim da Cidade. O que é importante de notar aqui é que ao contrário de se subtrair à cidade e haver consequentes demolições, o que houve foi uma conquista ao rio. A cidade permaneceu imperturbável e construiu-se uma frente ribeirinha em pleno espaço do Rio Lima.

Numa tentativa de redesenhar a frente fluvial do século XIX num mapa do século XXI conseguimos ver que foi feito um reaproveitamento do desenho dos cais já existentes.



Fig.21 **Fragmentos da Carta de Viana - comparação da planta do século XIX com a planta atual**

Após esta constatação e numa tentativa de perceber se a estrutura que está agora nos locais é a original ou se foi feita *a posteriori*, foi realizada uma ida ao local, para assim tentar perceber se as pedras poderiam ter origem de diferentes séculos. Talvez devido ao desgaste do mar e da falta de limpeza na zona da doca do Castelo não foi possível confirmar tal. Sabemos porém que toda a frente fluvial de Viana do Castelo tem vindo a sofrer obras de reconstrução desde o século XX e, talvez por isso, a estrutura que existia em séculos passados tenha sido substituída por uma nova.

3. REFLEXÕES FINAIS

Viana do Castelo distingue-se pela sua posição geográfica. Situada mesmo à entrada do rio Lima, a vila beneficia das suas relações tanto marítimas como terrestres. Cercada a Sul e Poente por Rio e Mar, respectivamente, e a Norte por Monte, esta região distingue-se assim pela sua forte relação com a natureza. Foram estes os recursos explorados pela população de modo a poder haver um crescimento social e económico desta região. Um povo que foi evoluindo nunca esquecendo o princípio marítimo que lhe foi conferido na sua fundação, o seu espírito de aventura e uma enorme aptidão para os negócios. Gentes exploradoras que se espalharam pelo mundo fora e neste sentido desenvolveram os seus próprios meios para alcançar os seus objectivos.

De toda a análise efetuada podemos concluir que a evolução da vila de Viana deve-se, maioritariamente, não só aos seus setores de atividade como também aos elementos naturais que a assistem. Foi a partir da sua posição geográfica privilegiada que proporcionou o seu lançamento no mundo marítimo, principalmente a longo alcance.

Ao contrário de muitas cidades a localização e a implantação da vila de Viana foi estudada e planeada, com uma intenção e finalidade voltadas para as atividades marítimas. Deste modo não é de estranhar que o seu núcleo medieval tenha um desenho claro e consciente do novo aglomerado que se instala. Talvez resultante deste planeamento a expansão da vila tenha tentado acompanhar, de certo modo, o desenho dos quarteirões e arruamentos existentes, eventualmente desenvolvendo-se para norte e nascente e maioritariamente para poente, acompanhando sempre o leito do rio Lima. Com esta expansão urbana não só novos equipamentos são construídos como são necessárias novas instalações portuárias.

A vila de Viana, no século XV e o século XVI é caracterizada pelo seu grande crescimento urbano e pela sua expansão para fora da muralha. A atração pelo núcleo medieval diminui e a povoação começa a instalar-se no arredores, em diversos arrabaldes que se vão criando. Nesta época são construídos diversos equipamentos monásticos. Implantados nos seios destes novos aglomerados, vão permitir que estes prosperem e se alonguem pelas ruas que são abertas nestes séculos. Com este crescimento a defesa desta vila em prosperidade é

imprescindível e, ligada esta evolução urbana ao porto de mar que se está a desenvolver, é criada uma primeira torre de defesa na entrada da barra de Viana, a Torre da Roqueta. Com o avançar dos anos este sistema defensivo torna-se inadequado às exigências das épocas seguintes, sofrendo assim diversas ampliações até ser o que hoje é conhecido como Forte de Santiago da Barra.

O porto de mar de Viana caraterizou-se, durante séculos, pelo seu desenho simples e pelos seus processos de construção, primeiro com estruturas de madeira e depois construções mais perenes de pedra. E, até aos finais do século XVI a frente fluvial era marcada pelo seu estado ainda muito natural, com poucas alterações, havendo apenas o cais à entrada da barra, o cais da Alfândega e os estaleiros de S. Bento, estes ainda de dimensão pequena. Entre praia e rocha estes marcavam, de modo ainda bastante subtil, a paisagem da beira rio. Com o desenvolvimento da economia, com o auxílio dos bens que vinham das colónias e as trocas com o estrangeiro, estes cais, rudimentares para a época e as novas funções de maior calibre, deixam de servir os vianenses, havendo assim, no século XVII, um crescimento exponencial, não só na reconstrução destes cais e estaleiros como também na construção de novos cais, tanto na margem direita como na margem esquerda do rio Lima.

Todo este conjunto de cais não só se deu pelas crescentes transações oceânicas como também pelo assoreamento do rio. Desde muito cedo que os habitantes estavam cientes deste problema e foram diversas as soluções que tentaram implementar, no entanto, apesar de todas as tentativas executadas a entrada de embarcações de grandes dimensões na barra e a sua navegação até aos cais no centro da vila não era exequível. Com o progressivo assoreamento durante os século e com a dimensão das embarcações a aumentar, estas foram obrigadas a descarregar fora da barra, nos cais do Cabedelo, e posteriormente levadas em embarcações mais pequenas para a margem direita, onde ainda se efetuava todo o comércio.

Também, muito provavelmente por esta mesma razão, o Forte de Santiago da Barra, na sua ampliação sob o domínio filipino, apresenta-se virado para terra. As forças inimigas teriam de desembarcar a noroeste da vila, na zona da Areosa, e por esta razão a orientação atípica da fortificação da vila de Viana.

No século XVIII, e com o desenvolvimento industrial, Viana sofre uma importante evolução urbana na frente fluvial. Com as novas obras públicas a decorrer, como as pontes e o mercado municipal, e o novo planeamento urbano, a margem direita do rio Lima sofre diversas alterações. A zona que outrora era um meio para o sustento da população agora transforma-se parcialmente para o seu próprio lazer. A construção de jardins e espaços lúdicos pela cidade marcam este século e perduram, na sua maioria, até aos dias de hoje. Como tal a zona de atividade marítima vai-se re-localizando essencialmente para as novas docas, como a doca da Dízima e a doca do Castelo.

Em suma, o crescimento da vila de Viana acompanhou o desenvolvimento económico do reino. No entanto, apesar da expansão do século XVI a vila não se alargou muito mais para além da linha dos conventos implantados nos arredores. Uma das hipóteses que podemos apresentar para a estagnação urbana que se terá dado é a emigração. A vila sofre diversas alterações até ao século XIX, sendo também rematados quarteirões pelas ruas que existiam desde o século XVI. Muitas foram as modificações da frente ribeirinha, com o intuito de acompanhar as tendências comerciais no século XIX e no século XX.

4. ANEXOS

CRONOLOGIA

XIII	**D. Afonso III**	**1258** - Criação da Vila de Viana por D. Afonso III; **1263** - Início da construção da muralha da vila; Ainda no seu reinado *"o início da construção de um forte, junto à foz do Rio Lima, que conheceu algumas reparações no reinado de D. Dinis. Documentada está a preocupação com a pirataria galega e francesa que perturbava a florescente actividade comercial da Vila*" **1374** - Conclusão das obras da muralha, com a respetiva ampliação para poente;
XIV	**D. João I**	**1385 - 1433** - Criação da zona franca à entrada da barra;
XV	**D. Afonso V**	**1439** - Ainda estava em construçao o núcelo central do *"Cays novo q se fez no cabo da alfandega"*, de pedra; **1456** - Naus grandes já não entravam no leito do rio. Início da construção de caravelas grandes; **1459** - *"Edificação de uma fortificação eficaz na embocadura do Rio, possivelmente, estruturada num pano de muralha de mancha quadrangular com uma torre ao meio, a actual torre da Roqueta"*; - conluído no reinado de D. Manuel I. **1465** - Levantamento do interdito sobre o concelho de Viana pelo Papa Pio II;
	D. Manuel I	**1498** - Ordem do rei para não se construirem mais casas junto à muralha. Crescimento da vila fora da cerca medieval; Na mesma altura começam a aparecer novas ruas; **1500** - *"na época de quinhentos os seus navios percorriam o Atlântico de lés-a-lés"*
XVI		**1502** - Carta Régia que manda expropriar um quintal de Álvaro Rodrigues para ampliar o terreno para os Estaleiros de São Bento; **1505** - Construção dos Paços de Concelho no Campo de Forno; **1510** - Construção do Mosteiro de Sant'Ana
	D. João III	**1538** +- - *"são implementadas balizas à sua entrada: o pau do borraom" (do Bugio) e o pau do cabedelo"*; **1516** - estacarias em ambas as margens do rio adas para apertar as duas margens para provocar as movimentações de areias de forma a impedir que se acumulassem no leito do rio; 1546 - Nova paróquia de Santa Catarina; **1549** - Construção do Convento de S. Bento;
	D. Sebastião	**1560** - *"Terra cheia de gente rica e mui nobre, de grande trato e comércio, por ca parte com as conquistas de Portugal, Ilhas e terras novas do Brasil"*; *"havendo oitenta barcas de pescadores naturais, cinquenta anos atrás [i.e., por 1560] (...) anhando com pouco suor nas pescarias de perto e ao longo da costa, (...) pobreza das redes e a segurança das praias"*; **1561** - Marachão de S. Lourenço; Devido às dificuldades de acostagem. Muitas mercadorias eram descarregadas fora da barra, sobretudo as transportadas em grandes calados; **1565 -1570** - Construção do Convento de S. Domingos; Construção dos ourais na estrutura do convento; **1571** - Inicia-se a construção do Forte de Santiago, em Viana do Castelo, integrando a Torre da Roqueta; Nos terrenos já existia a primitica Capela de Santa Catarina. Esta obra foi concluída em 1572, incluindo as cercas de valas e fossos no campo de Santa Catarina; **1580 a 1640** - União das Coroas **1589** - D. Filipe I pede para que as obras da fortificação que se estava a fazer estejam concluí-

	União das Coroas	das o mais rápido possível porque para além de defender o porto de Viana, a fortificação passará albergar os soldados
		1570–1630 - Willem Janszoon Blaeu explica como tentar chegar ao cais da vila de Viana;
		"Tem hum caes de pedraria , que começa no fim da Villa no sitio, que chamaõ o Papanata, & acaba junto da barra no mar largo, co hum reducto no fim, aonde se vão recrear os moradores";
XVII		**1609** - Cais de S. Lourenço em obras de melhoramento;
		1619 - *"esperanças e perigos do alto (...) E a "navegação e mercancia" vianenses estendiam-se então "a todas as províncias do Norte e às ilhas e conquistas de Portugal (...) "todas as nações do Norte" para aqui trazem "grande cópia de mercadorias de toda a sorte e muito pão"*;
		Cais da Alfândega - *"grande e estendido cais de grossa cantaria, altamente fundado e terraplenado, com as suas descidas de escadas e linguetas"*; *"ua boa praça"*;
		1630 - D. Filipe III concede meios financeiros para as instalações portuárias serem ampliadas, *"que se prolongava do Pombal à Casa da Dízima do Marquês"*;
	D. João IV	**1647** (1631 - 1633) - *"hum cays no rio Lima de fronte do Mosteyro de Sam Bento das relegiosas"*;
		No século XVII, constroem-se os estaleiros de Santa Catarina, situados junto da capela da mesma invocação;
		Seiscentos ficou marcado por uma crise climática - assoreamento;
		No final do século os navios foram então obrigados a descarregar fora da barra, deslocar, em fins do século XVII, o cais portuário para a margem esquerda;
XVIII	**D. Pedro II**	**1683 - 1706** - D. Pedro II autorizou a construção do Cais do Cabedelo *"a jusante do Cais novo"*;
		1703 - Efetuadas obras no Forte de Santiago da Barra;
XIX		**1818-1820** - Construção da ponte de madeira;
		1848 - Elevação da vila de Viana a cidade;
		1878 - Inauguração da Ponte Eiffel;

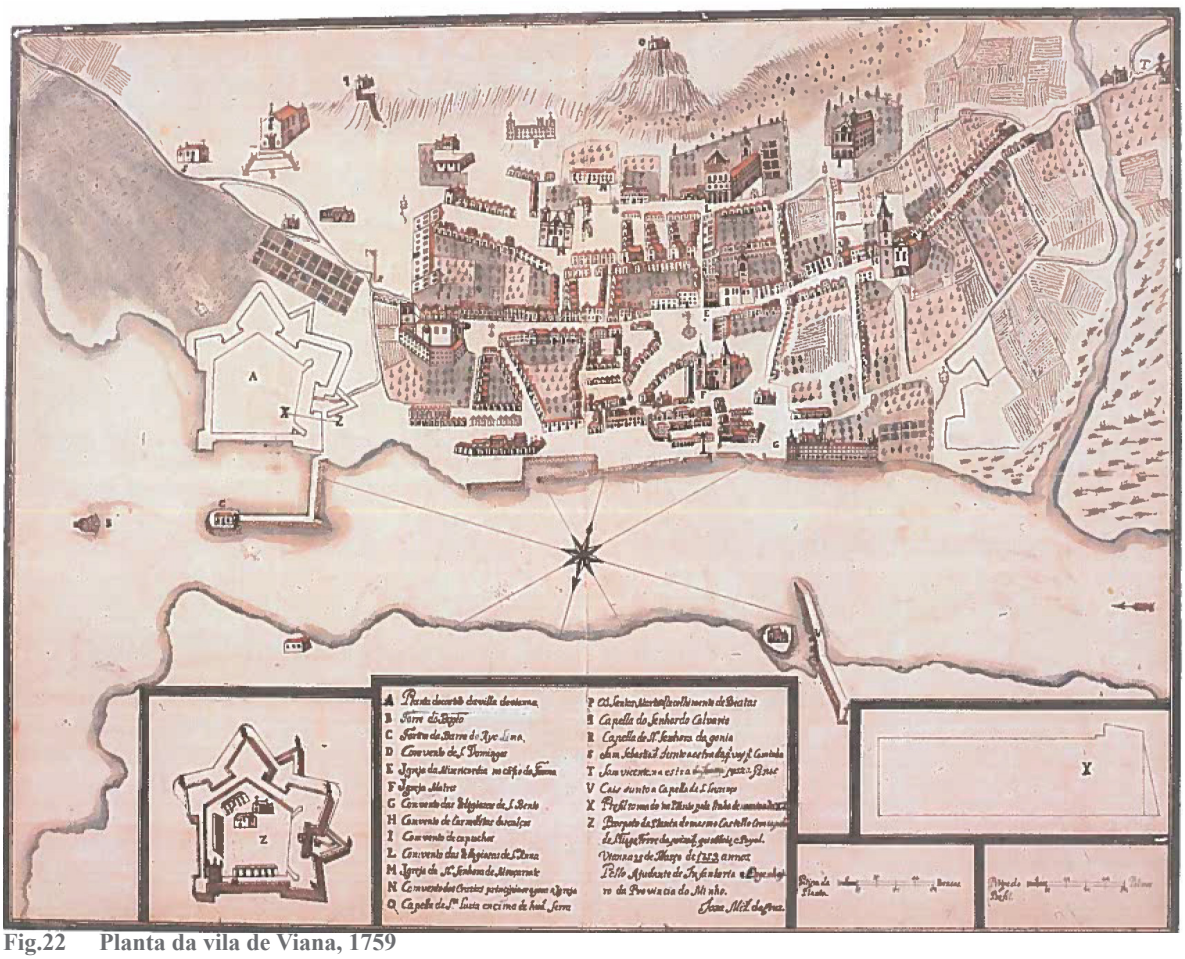


Fig.22 Planta da vila de Viana, 1759

Fonte: Peixoto, António; *"Litoral e as cidades: Matizes cartográficas";* Viana do Castelo; 2001; p.40



Fig.23 Planta da Barra e porto de Vinna do Castelo e projeto das obras para o seu melhoramento realizado pelo Eng.º Plácido Abreu, 1857

Fonte: Cardoso, Ana Sofia Gonçalves; *"Evolução urbana da frente ribeirinha de Viana do Castelo";* 2005

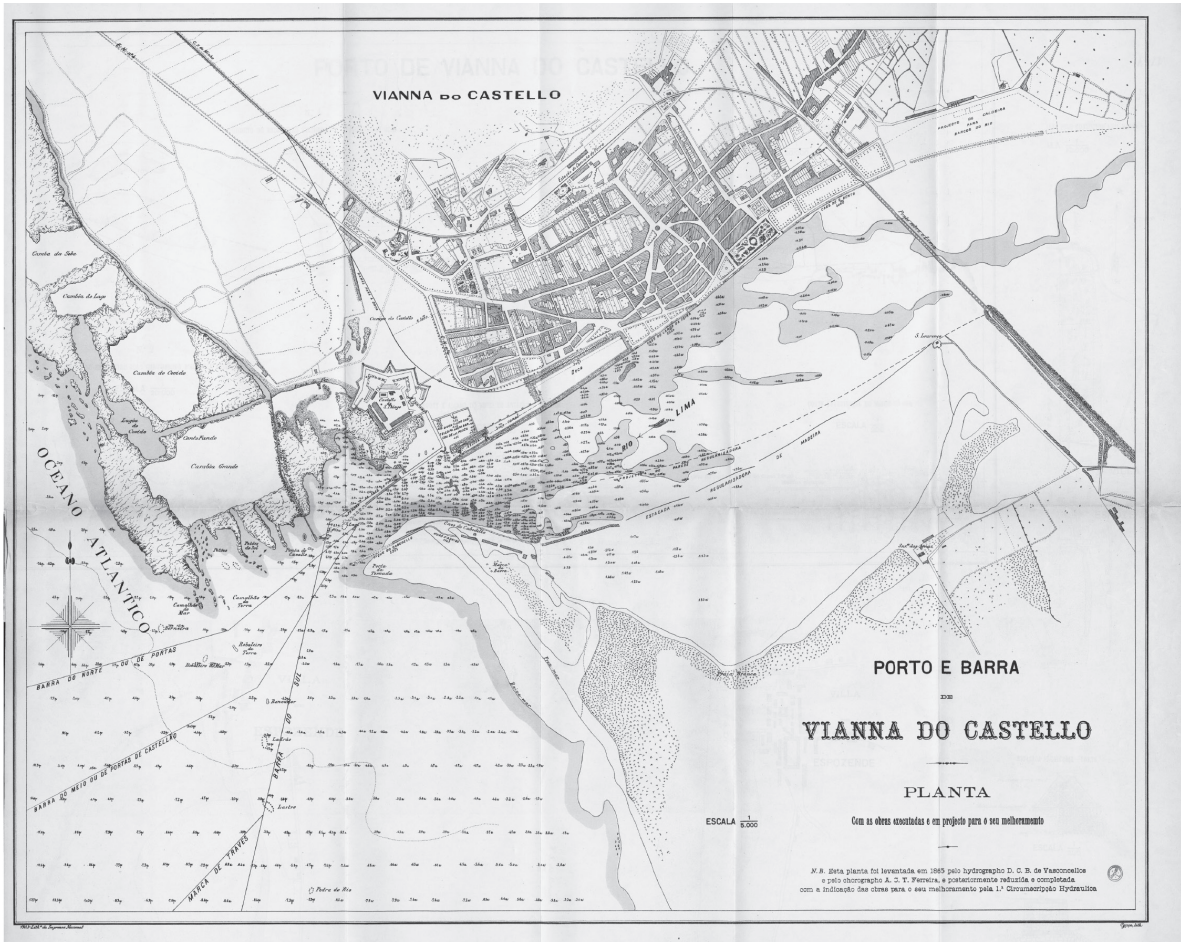


Fig.24 **Os portos marítimos de Portugal e ilhas adjacentes - Viana do Castelo, 1865**
Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal
http://purl.pt/31573/3/

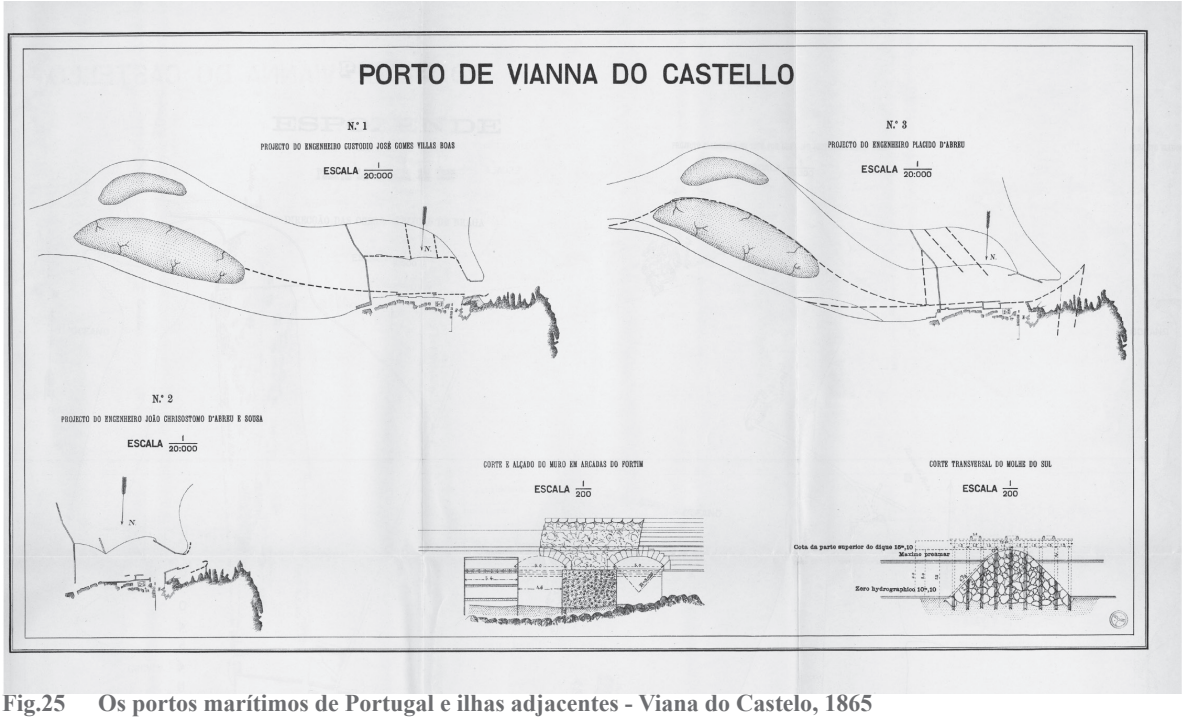


Fig.25 **Os portos marítimos de Portugal e ilhas adjacentes - Viana do Castelo, 1865**
Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal
http://purl.pt/31573/3/

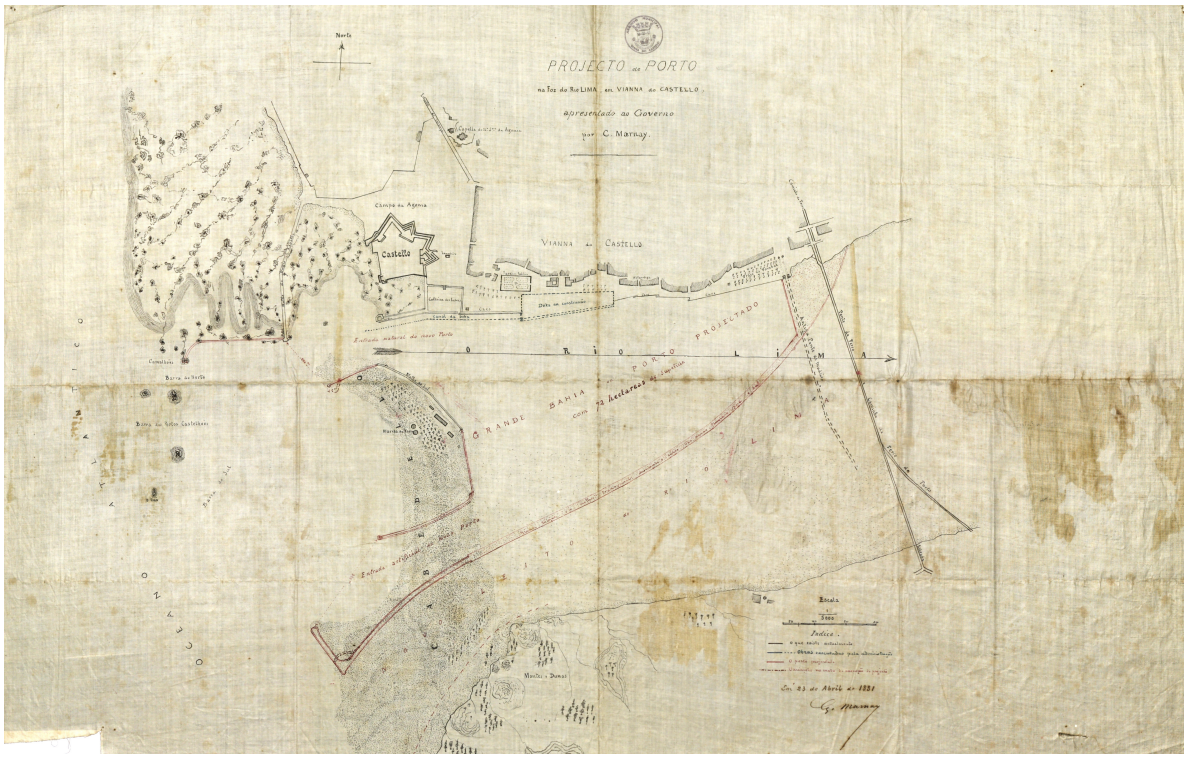


Fig.26 **Projeto de Porto na Foz do Rio Lima, em Viana do Castelo, apresentado ao Governo por C. Marnay, 1881**
Fonte: Arquivo Municipal de Viana do Castelo

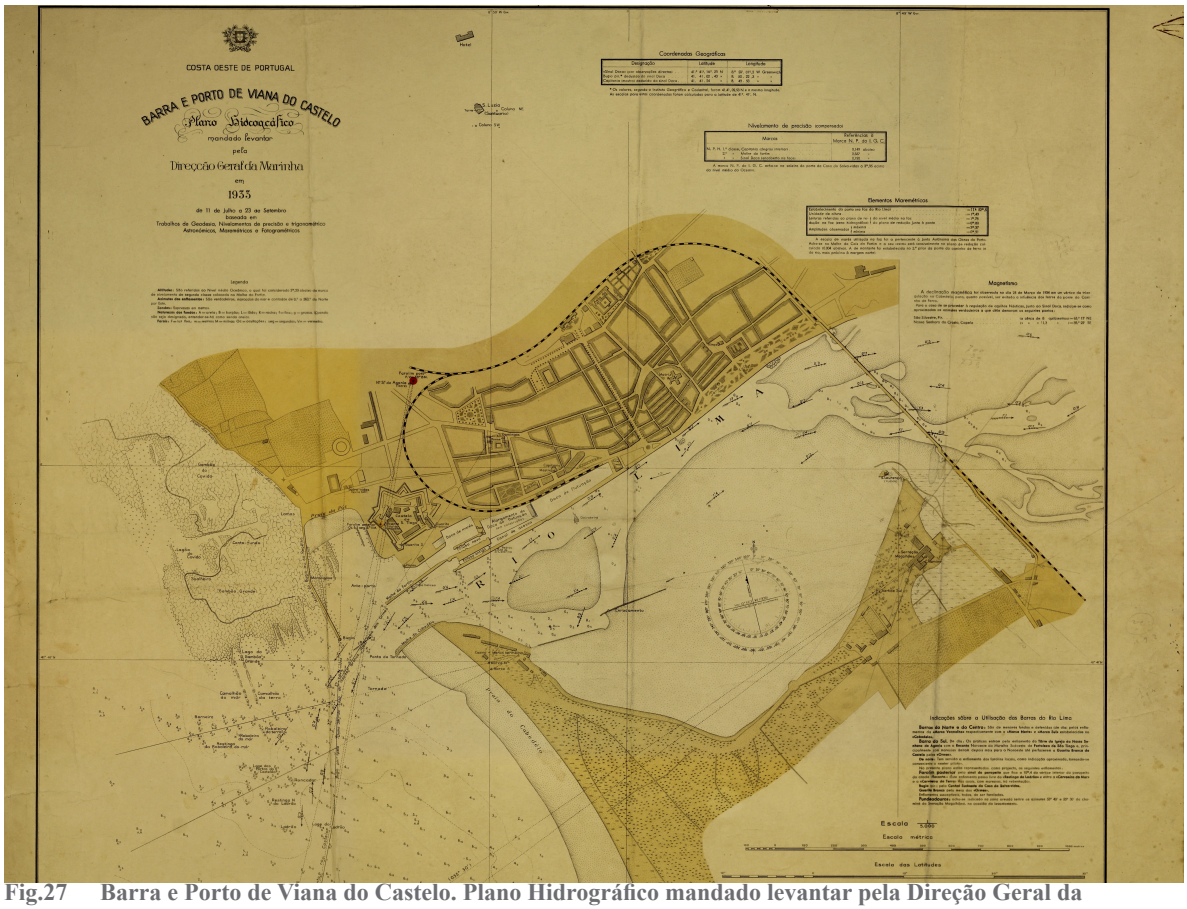


Fig.27 **Barra e Porto de Viana do Castelo. Plano Hidrográfico mandado levantar pela Direção Geral da Marinha, 1993**
Fonte: Arquivo Municipal de Viana do Castelo

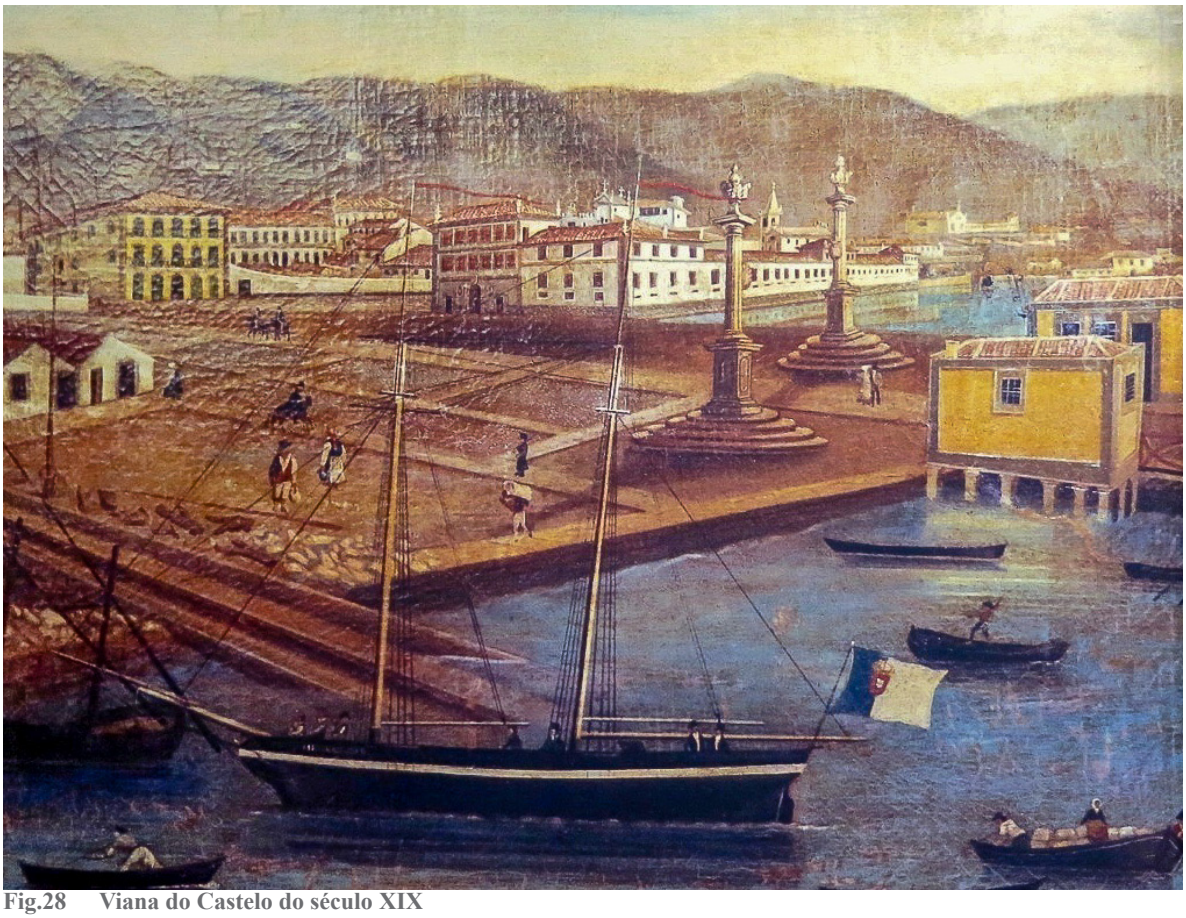


Fig.28 Viana do Castelo do século XIX

Fonte: https://olharvianadocastelo.blogspot.com/2013/01/viana-do-castelo-do-seculo-xix.html

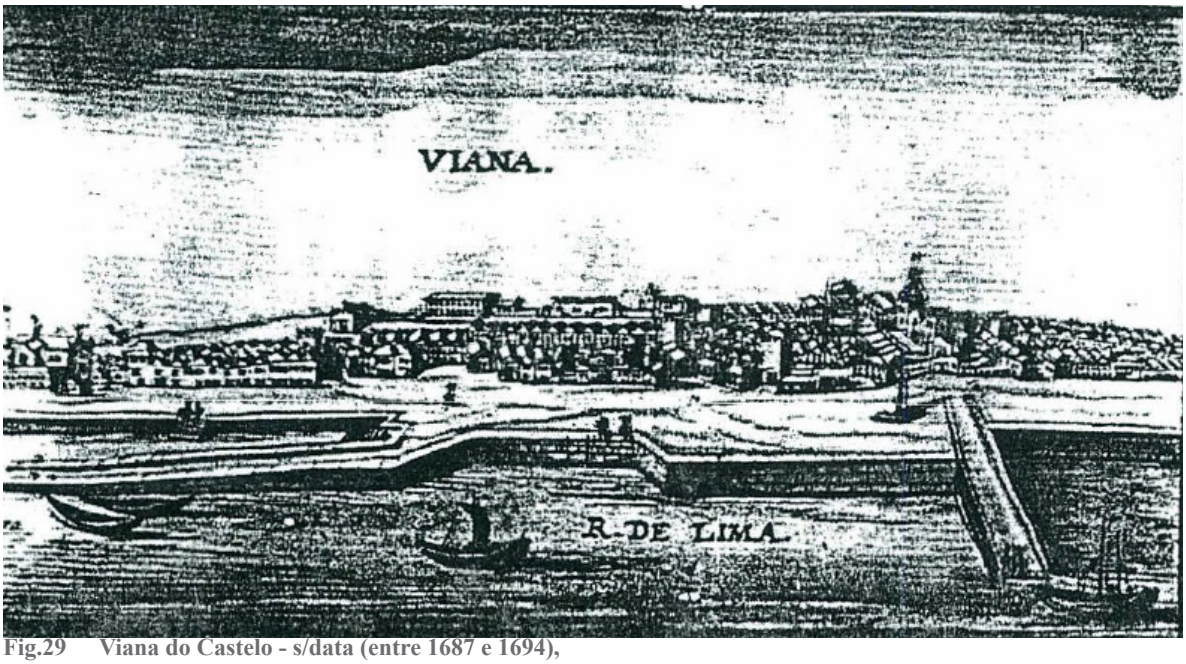


Fig.29 Viana do Castelo - s/data (entre 1687 e 1694),

Fonte: Fernandes, Mário Gonçalves; "Urbanismo e morfologia urbana no Norte de Portugal - Volume II"; Porto; 2002; p. 249



Fig.30 **A ponte de madeira segundo estampa da Litografia Portuguesa do Laranjal (Porto)**
Fonte: https://olharvianadocastelo.blogspot.com/2018/01/ha-200-anos.html

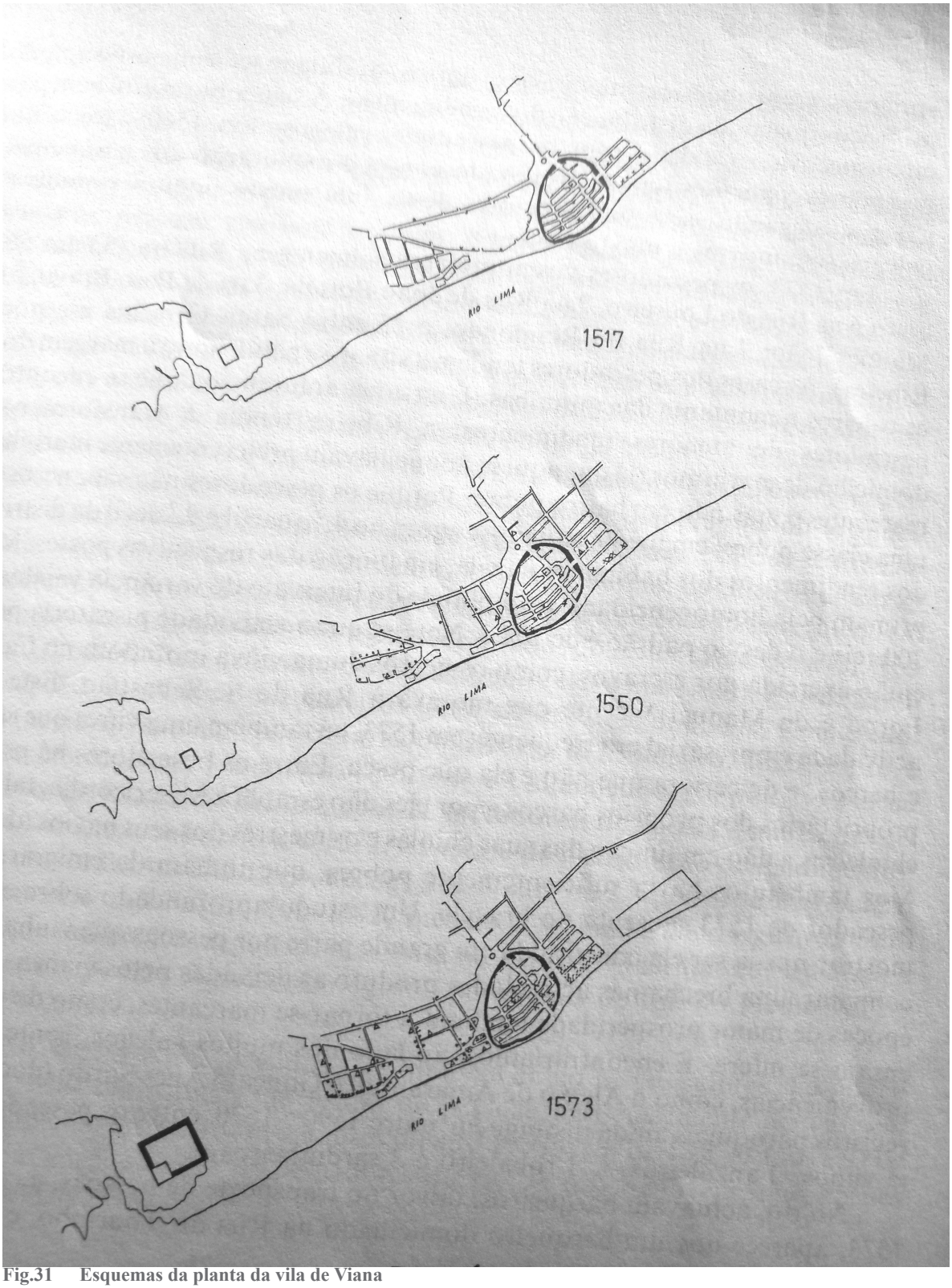


Fig.31 Esquemas da planta da vila de Viana

Fonte: "Viana : o mar e o porto : (contributo para o estudo da sua história)"; Junta Autónoma dos Portos do Norte; 1987; p.27

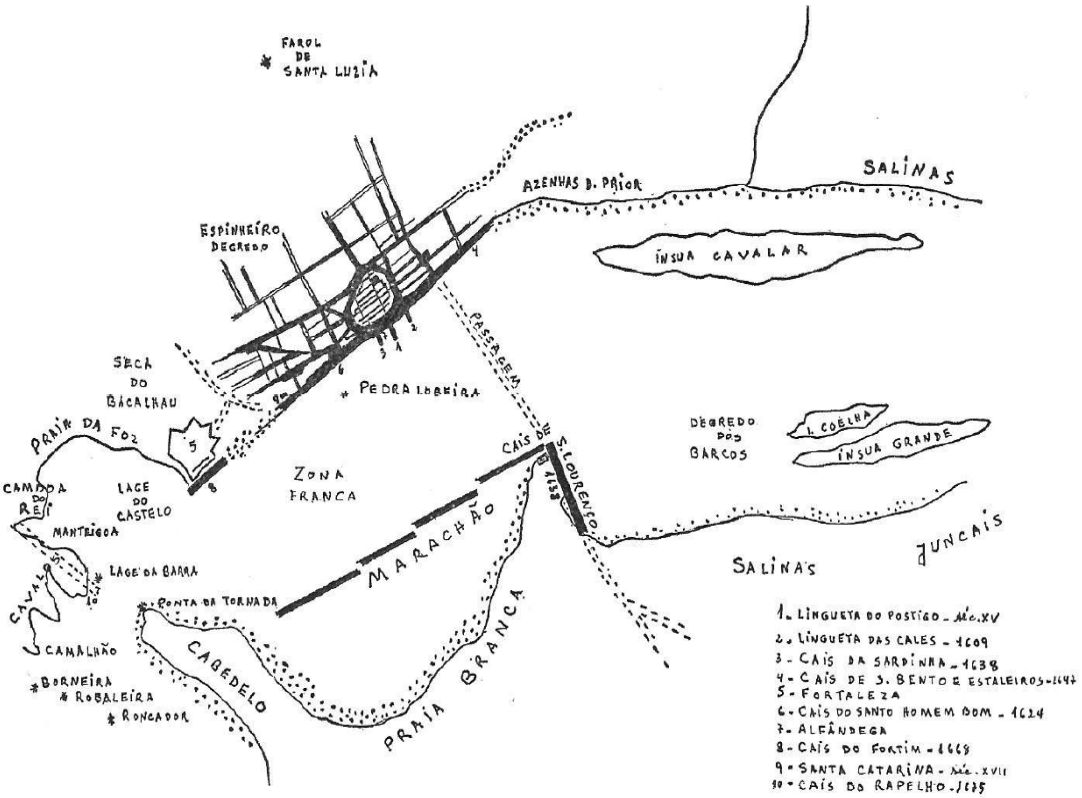


Fig.32 Localização dos vários portos

Fonte: Moreira, Manuel António Fernandes; "O Porto de Viana do Castelo na Época dos descobrimentos"; Viana do Castelo; 1989

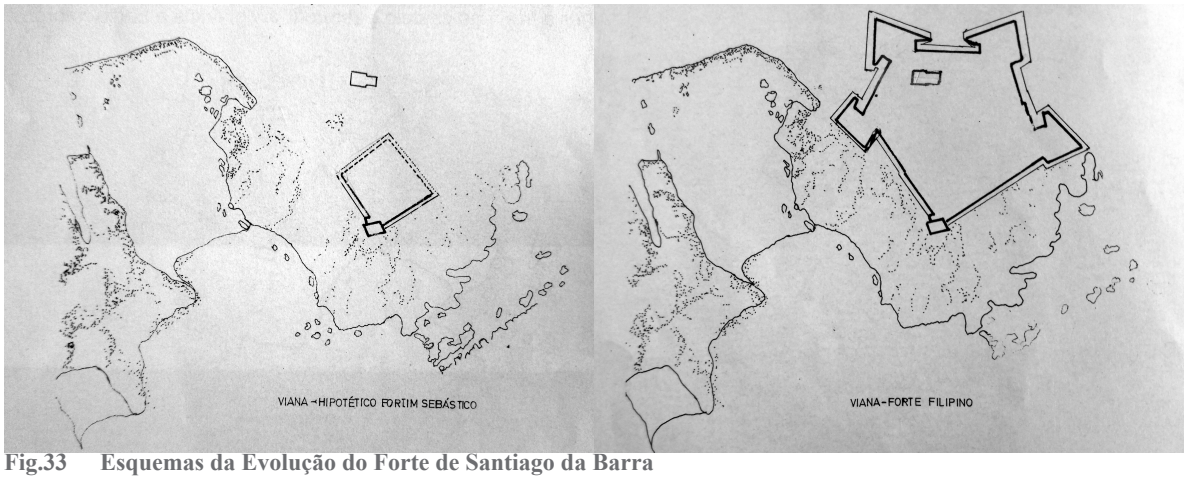


Fig.33 Esquemas da Evolução do Forte de Santiago da Barra

Fonte: Abreu, Alberto Antunes de; "O Castelo de S. Tiago da Barra"; Viana do Castelo, 1986



Fig.34 **Fotografia do atual da doca do Castelo**
Fonte: Autora



Fig.35 **Postal - a doca do Castelo**
Fonte: Arquivo Municipal de Viana do Castelo



Fig.36 **Fotografia do atual da doca do Castelo**
Fonte: Autora

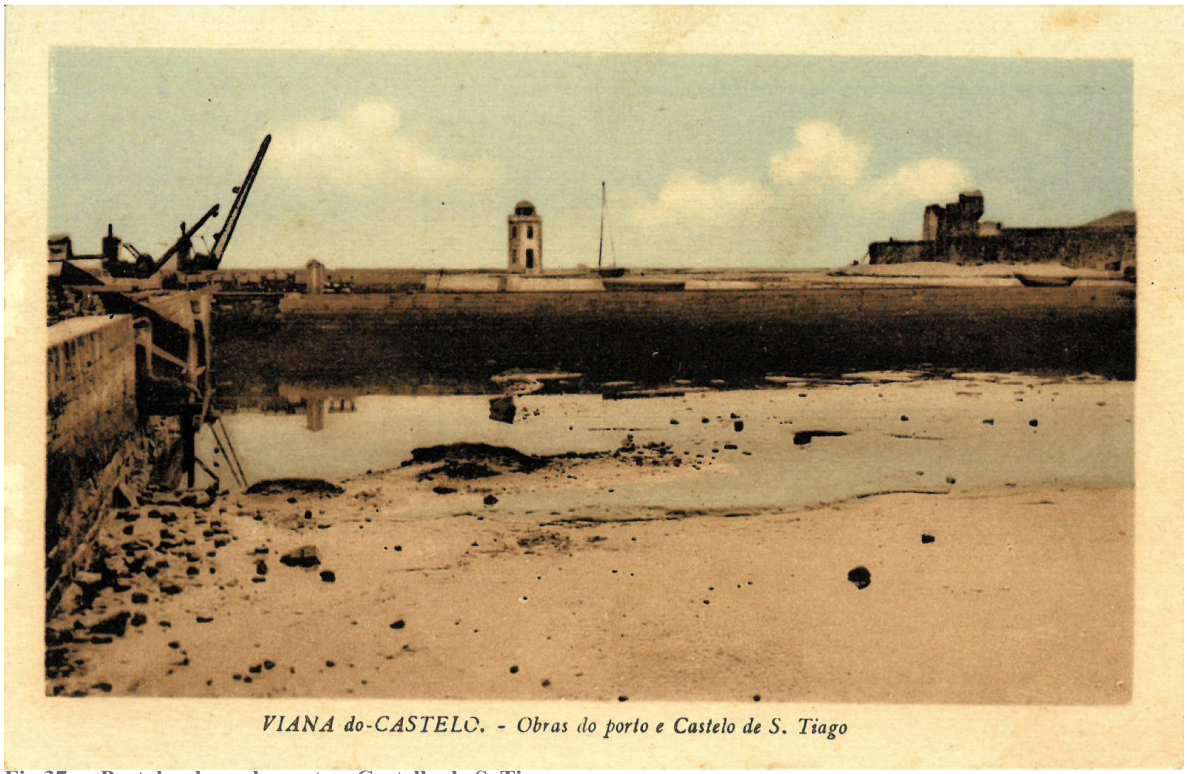


Fig.37 **Postal - obras do porto e Castello de S. Tiago**
Fonte: Arquivo Municipal de Viana do Castelo



Fig.38 **Fotografia do atual da doca do Castelo**
Fonte: Autora



Fig.39 **Postal - Doca dos barcos de pesca**
Fonte: Arquivo Municipal de Viana do Castelo



Fig.40 **Postal - Barra de Viana em Obras**
Fonte: Arquivo Municipal de Viana do Castelo



Fig.41 **Postal - Doca dos barcos de pesca**
Fonte: Arquivo Municipal de Viana do Castelo



Fig.42 **Fotografia da Capela de Santiago no interior do Forte de Santiago da Barra**
Fonte: Autora



Fig.43 **Fotografia de parte da muralha do Forte de Santiago da Barra**
Fonte: Autora



Fig.44 **Fotografia da fachada tardoz do Convento de S. Domingos - Torres de Sinalização**
Fonte: Autora



Fig.45 **Fotografia da fachada tardoz do Convento de S. Domingos - Torres de Sinalização**
Fonte: Autora



Fig.46 **Postal - Vianna do Castello - Vista do Campo d'Agonia, castelo e barra**
Fonte: Arquivo Municipal de Viana do Castelo



Fig.47 **Viana do Castello - Vista da barra**
Fonte: http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/brochuras-promocionais



Fig.48 **Fotografias dos muros da doca do Castelo**
Fonte: Autora

5. BIBLIOGRAFIA

Abreu , Alberto Antunes de; “História de Viana do Castelo”; Volume II; Tomo 1; Viana do Castelo, 2008-2009;

Abreu , Alberto Antunes de; “Para a História de Viana do Castelo I”; Viana do Castelo, 2004-2007;

Abreu , Alberto Antunes de; “Para a História de Viana do Castelo II”; Viana do Castelo, 2004-2007;

Barros, Amândio J. Morais; “O porto de Viana e a construção do Cais da Alfândega (1631-1633)”; Revista da Faculd1ade de Letras, Porto, III Série, vol. 7, 2006;

“Cadernos Vianenses”; Viana do Castelo;

Cardoso, Ana Sofia Gonçalves; “Evolução urbana da frente ribeirinha de Viana do Castelo”; Porto; 2005;

“Acontecimentos que Viana Sentiu”. Viana do Castelo:Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, Viana do Castelo; 2005;

Costa, António Carvalho da; “Corografia portugueza e descripçam topografica do famoso Reyno de Portugal - Tomo I”; 1706-1712; Lisboa;

Fernandes, Francisco José Carneiro; “Capelas de Viana”, Viana do Castelo, 1981;

Revista Semestral de Edifícios e Monumentos 22; Lisboa; 2005;

Fernandes, Mário Gonçalves; “Viana do Castelo: obras públicas e evolução do espaço urbano (1855-1926); in Revista da Faculdade de Letras - Geografia I; Série, Volume VIII, Porto 1992;

Joukes, Veronika; “Os flamengos no noroeste de Portugal (1620 - 1670); Porto; 1999;

Martins , Conceição Andrade; “Os ciclos do vinho do Porto: ensaio de periodização”; Análise Social, vol. XXIV (100), 1988 (1.°);

Moreira, Manuel António Fernandes; “Viana nas suas origens”; Viana do Castelo; 1993;

Moreira, Manuel António Fernandes; “A História de Viana do Castelo em Dispersos - I”; Viana do Castelo; 2005;

Moreira, Manuel António Fernandes; “O município e os forais de Viana do Castelo”; Viana do Castelo; 1986;

Moreira, Manuel António Fernandes; “O Porto de Viana do Castelo na Época dos descobrimentos”; Viana do Castelo; 1989;

Noé, Paula; “Guia de Inventário – Fortificações Medievais e Modernas”; Sacavém; 2015;

Peixoto, António Maranhão; “O litoral e a cidade: matizes cartográficas”; Viana do Castelo, 2001;

Peixoto, António Maranhão; “O Litoral de Viana e a sua Arquitetura Militar”; Viana do Castelo; 2001;

Peixoto, António Maranhão; “Os Forais de Viana”; Viana do Castelo; 2008;

Peixoto, Paulo; “Os usos sociais dos rios”; Imprensa da Universidade de Coimbra; 2017;

Pinho, Isabel Maria Ribeiro Tavares; “Os Mosteiros Beneditinos Femininos de Viana do Castelo - Arquitetura Monástica dos Séculos XVI ao XIX”; Porto; 2010;

Prado, Henrique Seoano; “A Urbanidade no Litoral das Rías Atlânticas”; in Cadernos Vianense; Tomo 48; Viana do Castelo, 2014;

Reis, António Matos; “Viana, a cidade através do tempo”; Viana do Castelo; 1993;

Reis, Hugo; “Evolução da estrutura urbana de Viana do Castelo”; Porto; 2008;

Teixeira, Manuel C.; “O Urbanismo Português”; 1999;

6. ÍNDICE DE IMAGENS

Introdução

Fig.1 Aerofotograma da cidade de Viana do Castelo, 2017 10

A Fundação de uma Vila - Época Antiga

Fig.2 Fotografia da Citânia de Santa Luzia mostrando a relação da citânia com o rio 16

Fig.3 Planta do núcleo inicial com a respectiva muralha e as portas da cidade 23

Fig.4 Planta de Viana, Barra e Castelo, datada de 1756, cais posteriores ao século XV não representados 24

Fig.5 Planta do Castelo e Barra de Viana, 1794 26

Fig.6 Carta Geographica da Provincia de Entre Douro Minho e Tras os Montes Dedicado A Magestade Fidelissima e sempre Augusta de El Rey de Portugal e dos Algarves 30

Fig.7 Planta do Castelo e Barra de Viana, 1794 - Identificação da Torre da Roqueta e da Capela de Santa Catarina 33

A Evolução do Núcleo Urbano

Fig.8 Planta de Viana, Barra e Castelo, datada de 1756, cais posteriores ao século XVI não representados 34

Fig.9 O lardo de S. Domingos e a rua de S. Sebastião - um dos eixos principais da vila 41

Fig.10 Alguns exemplos de redes comerciais: Guilherme de Campaner e Baltazar Robirn de Lima, século XVII 42

Fig.11 Evolução do Forte de Santiago da Barra 53

Fig.12 Castelo de Vianna, 1713 54

Fig.13 Planta do Castelo e Barra de Viana, 1794 55

A Transformação da Frente Ribeirinha de Viana

Fig.14 Planta de Viana, Barra e Castelo, datada de 1756 56

Fig.15 Pormenor do porto de Viana e foz do Rilo Lima no atlas de P. Teixeira, 1634 61

Fig.16 Die Zee Caerte van Portugal, 1586 62

Fig.17 Planta de Viana, Barra e Castelo, 1756 62

A Estagnação da vila de Viana e Posterior Consolidação da Cidade

Fig.18 Planta da Barra de Viana e rio até à ponte de madeira, 1875 66

Fig.19 Planta de Viana, Barra e Castelo, datada de 1756 70

Fig.20 Levantamento da Cidade (18 peças). Carta Cadastral da Cidade de Viana do Castelo, levantada em 1868 e 1869 71

Fig.21 Comparação da planta do século XIX com a planta atual de Viana 74

Anexos

Fig.22 Planta da vila de Viana, 1759 88

Fig.23 Planta da Barra e porto de Vinna do Castelo e projeto das obras para o seu melhoramento realizado pelo 89

Fig.24 Os portos marítimos de Portugal e ilhas adjacentes - Viana do Castelo, 1865 90

Fig.25 Os portos marítimos de Portugal e ilhas adjacentes - Viana do Castelo, 1865 90

Fig.26 Projeto de Porto na Foz do Rio Lima, em Viana do Castelo, apresentado ao Governo por C. Marnay, 1881 91

Fig.27 Barra e Porto de Viana do Castelo. Plano Hidrográfico mandado levantar pela Direção Geral da Marinha, 1993 91

Fig.28 Viana do Castelo do século XIX 92

Fig.29 Viana do Castelo - s/data (entre 1687 e 1694), 92

Fig.30 A ponte de madeira segundo estampa da Litografia Portuguesa do Laranjal (Porto) 93

Fig.31 Esquemas da planta da vila de Viana 94

Fig.32 Localização dos vários portos 95

Fig.33 Esquemas da Evolução do Forte de Santiago da Barra 95

Fig.34 Fotografia do atual da doca do Castelo 96

Fig.35 Postal - a doca do Castelo 96

Fig.36 Fotografia do atual da doca do Castelo 97

Fig.37 Postal - obras do porto e Castello de S. Tiago 97

Fig.38 Fotografia do atual da doca do Castelo 98

Fig.39 Postal - Doca dos barcos de pesca 98

Fig.40 Postal - Barra de Viana em Obras 99

Fig.41 Postal - Doca dos barcos de pesca 99

Fig.42 Fotografia da Capela de Santiago no interior do Forte de Santiago da Barra 100

Fig.43 Fotografia de parte da muralha do Forte de Santiago da Barra 100

Fig.44 Fotografia da fachada tardoz do Convento de S. Domingos - Torres de Sinalização 101

Fig.45 Fotografia da fachada tardoz do Convento de S. Domingos - Torres de Sinalização 101

Fig.46 Postal - Vianna do Castello - Vista do Campo d'Agonia, castelo e barra 102

Fig.47 Viana do Castello - Vista da barra 102

Fig.48 Fotografias dos muros da doca do Castelo 103